



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE ESTUDOS DO XINGU
LICENCIATURA EM LETRAS/LÍNGUA PORTUGUESA

LUCILEA PINHEIRO RODRIGUES

**REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA NA OBRA *O ATENEU*, DE RAUL
POMPÉIA**

SÃO FÉLIX DO XINGU - PA

2019

LUCILEA PINHEIRO RODRIGUES

**REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA NA OBRA *O ATENEU*, DE RAUL
POMPÉIA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa do Instituto de Estudos do Xingu (IEX) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras/Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof. Dra. Luciana de Barros Ataíde.

São Félix do Xingu – PA

2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Setorial do Instituto de Estudos do Xingu

Rodrigues, Lucilea Pinheiro

Representação da violência na obra o ateneu, de Raul Pompéia / Lucilea Pinheiro Rodrigues; orientadora, Luciana de Barros Ataíde. — São Félix do Xingu: [s. n.], 2019.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de São Félix do Xingu, Instituto de Estudos do Xingu, Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, São Félix do Xingu, 2019.

1. Literatura brasileira. 2. Escritores brasileiros. 3. Romance. 4. Crianças e violência. I. Ataíde, Luciana de Barros, orient. II. Título.

CDD: 23. ed.: B869.3

Elaborada por Renata Matos de Souza – CRB-2/1.586



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE ESTUDOS DO XINGU
LICENCIATURA EM LETRAS/LÍNGUA PORTUGUESA

DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE MONOGRAFIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

LUCILEA PINHEIRO RODRIGUES

**REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA NA OBRA *O ATENEU DE RAUL*
*POMPÉIA***

Monografia defendida e aprovada em **27/11/2019** com NOTA **B**, pela comissão
julgadora:

Prof (a): Dr^a. Luciana de Barros Ataíde (UNIFESSPA – Orientadora)

Prof (a): Ma. Raimunda da Silva Nunes: (SEMED/SFX – examinadora)

Prof (a): Ma Eldinar Nascimento Lopes (UNIFESSPA – examinadora)

Dedico este trabalho a Deus, senhor de todas as
criações pela inspiração;

A meus pais, pelo apoio incondicional;

A Bob, meu cachorro, sempre a meu lado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que sempre renovou as minhas forças para concluir esta etapa de formação acadêmica de minha vida.

Especialmente a meu pai, Fabriciano Militão Rodrigues e à memória de minha mãe Irinea Pinheiro Rodrigues, que sempre me apoiaram em tudo, tanto materialmente quanto espiritualmente.

Aos colegas da turma de 2015, turno matutino do IEX e a todos os amigos que direta ou indiretamente participaram da minha formação, meus sinceros agradecimentos.

À instituição – UNIFESSPA, através da PROEG pela assistência fornecida durante os quatro anos do curso de Letras, proporcionando um ensino superior de qualidade e a oportunidade de expandir meus horizontes profissionais.

Aos Professores doutores e mestres do IEX; Ananias Silva, Benedito Sales, Carlos Costa, Ednaldo Cândido, Édson Gomes, Elaine Ferreira, Jorge H. Romero, Marcos Reis, Nayara Camargo, Paulo Vieira Junior, Fábio Mario da Silva, Ezilda Maciel da Silva, Michelly Silva Machado, Eldinar Nascimento Lopes, pelas indispensáveis contribuições à minha formação acadêmica em Letras.

O meu muito obrigado à minha orientadora Dr^a Luciana de Barros Ataíde pelo apoio, companheirismo e orientações durante a elaboração desse trabalho de conclusão de curso.

Em especial, também registro minha enorme gratidão às diretoras Leliane Alves Ferreira Tavares e Luzenir Ferreira Batista, responsáveis por me proporcionar a oportunidade de atuar nos programas *Mais Educação* e *Mais Alfabetização* nas escolas municipais.

E não poderia deixar de agradecer ao meu cachorro Bob, companheiro fiel, que permaneceu comigo, enquanto estudava pelas madrugadas.

“A grandeza de uma obra de arte está fundamentalmente no seu caráter ambíguo, que deixa ao espectador decidir sobre o seu significado.”

Theodor Adorno

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral uma análise do livro *O Ateneu* (1888) de Raul Pompéia sob a perspectiva da violência e como recorte temático principal a violência sofrida pelo personagem-narrador Sérgio durante sua permanência no colégio de nome homônimo ao título do livro. Os principais subsídios teóricos utilizados na presente pesquisa são a *Cartilha de Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes: Identidade e enfrentamento* (2015), *História da Sexualidade I* (2014) e *Vigiar e Punir* (2009) de Michel Foucault, “Crítica em tempos de violência” (2017) de Jaime Ginzburg e textos de estudiosos da obra de Raul Pompéia. Tais referenciais se fazem necessários para traçar um paralelo evidenciando as peculiaridades da configuração da violência engendrada na narrativa. Por meio da pesquisa de cunho bibliográfico acerca da violência contra crianças na ficção literária de Pompéia, ficaram evidentes aspectos denunciadores voltados aos fatos ocorridos e ao silenciamento dos menores na narrativa.

Palavras chaves: Ateneu; Violência; Poder; Criança; Silenciamento.

ABSTRACT

The main purpose of this present research is to analyse Raul Pompeia's book *the Athenaeum* (1888) from the perspective of violence, having as its main theme the violence that the narrator character Sergio suffers during his stay in the college with the namesake of the book's title. The main theoretical supports used in this research are *the sexual violence booklet contra children and adolescents identity and coping* (2015), *History of sexual age I* (2014) and *Watch and Punish* (2009) by Michel Foucault, *Critique in times of Violence* (2017) by Jaime Ginzburg and text by scholars of the work of Raul Pompeia. Such references are necessary so that we can draw a parallel that highlights the peculiarities of the configuration of violence engendered in the narrative. Through the bibliographical research about violence against children in Pompeia's literary fiction, it was evident denouncing aspect focused on the facts occurred and the silence of the minors in the narrative.

Keywords: O Ateneu ; Violence; Power; Child; Silencing.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. A LITERATURA DE RAUL POMPÉIA.....	12
1.1 ASPECTOS REALISTAS E RELAÇÕES INTERPESSOAIS EM <i>O ATENEU</i>	13
1.2- INFÂNCIA E VIOLÊNCIA: A CRIANÇA E O MEIO.....	21
2 RELAÇÕES DE VIOLÊNCIA: LITERATURA E SOCIEDADE	30
2.1 - TIPOS DE VIOLÊNCIAS	31
2.2 AS RELAÇÕES ENTRE LITERATURA E VIOLÊNCIA NO BRASIL.....	35
3 ADULTERAÇÃO DO SER: UM ESTUDO SOBRE “O ATENEU”	40
3.1 - VIOLÊNCIAS DE SANCHES SOBRE SÉRGIO: O CARÁTER DENUNCIADOR DA OBRA	40
3.2- A OPRESSÃO E AS RELAÇÕES DE VIOLÊNCIA E PODER.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta aspectos relativos à violência no livro *O Ateneu*, de Raul Pompéia, observando as relações entre Sérgio, o personagem-narrador e Sanches, aluno interno do colégio. Em algumas vertentes de análise, esta obra é considerada como naturalista no que se propõe a representar aspectos do comportamento humano a partir da descrição de características sociais, das descrições dos ambientes e das personagens da época.

Nesse sentido, a obra do autor revela a complexidade das relações humanas trazendo amostras e denúncias do período histórico no qual foi escrito e como se configuram determinadas violências no corpus da narrativa. Observa-se como os personagens, em se tratando de crianças e jovens influenciados pelo sistema e engrenagens de poder, são desprovidos de liberdade, mesmo cumprindo as regras determinadas pela instituição, para qualquer tipo de reação.

A metodologia utilizada para essa pesquisa foi o levantamento bibliográfico sobre o tema através da análise de alguns artigos, tendo em vista que a violência é tema ainda muito atual e polêmico na sociedade desde a antiguidade até a modernidade. No entanto, na época em que foi escrita e publicada, a recepção à narrativa ocorreu de forma diferente. Por isso, a importância de trazermos à tona esta análise a partir deste trabalho, evidenciando situações relevantes na sociedade daquele período, como exemplo, as relações entre classes sociais e a violência contra crianças e jovens.

Portanto, a grande relevância deste romance na perspectiva de análise do tema da violência está na exposição deste elemento muito presente nas relações humanas, no que se refere não apenas aos atos de violência em si, mas também aos jogos de interesse balizadores nas relações sociais. Essas abordagens manifestam a atemporalidade da obra, já que esse recorte temático faz referência na forma como a sociedade é constituída e ainda hoje se mantém a grande violência contra crianças e adolescentes.

A pesquisa tem como maior objetivo engendrar estudos sobre esta obra de Raul Pompéia, escrita num cenário educacional e social de determinada época, objeto de uma incômoda crítica a alguns grupos sociais. Desta forma, busca promover a leitura de obras literárias e sua significação para

um melhor conhecimento de mundo. Além do mais, pode colaborar para visualizar, através da literatura ficcional a representação da realidade em se tratando de casos de violência contra crianças e adolescentes em certos espaços educacionais. Neste caso, dentro da narrativa *O Ateneu*, de Raul Pompéia.

No primeiro capítulo, foram abordadas questões como a vida e obra do autor e críticas literárias sobre suas obras, através de uma análise sobre aspectos naturalistas da obra e as impressões de Sérgio, seu primeiro contato dentro da instituição. O propósito foi de contextualizar o ambiente conflituoso e as relações entre as personagens, como por exemplo, o diretor Aristarco (pessoa austera que exerce domínio e autoridade sobre os rapazes e subalternos) e o mestre e palestrante, Dr. Claudio. Em seguida, buscou-se sintetizar o processo histórico quando do surgimento do sentimento da infância a partir do século XII, mediante o delineamento das particularidades pelas quais existiram as distinções da criança ao adulto, de forma a trazer informações sobre a maturação do sentimento da infância e suas variantes no Brasil.

Já no segundo capítulo, será desenvolvido o contexto entre literatura e sociedade, o panorama dos personagens dentro das representações literárias e como estabelecem as relações e transformações de conduta social. Nos próximos tópicos serão descritos os tipos de violência contextualizados na obra de Raul Pompéia nas suas dimensões: física, institucional, psicológica e sexual e a fundamentação sobre como os processos históricos, culturais e sociais influenciam a violência no Brasil.

No terceiro e último capítulo, haverá a sinalização de uma introdução do adolescente como reflexo da sociedade. Nestes tópicos, abordar-se-á a temática da violência na obra *O Ateneu*, de Raul Pompéia, analisando como essa relação de violência se configura entre as personagens Sanches e Sérgio a partir da análise de passagens da narrativa, como a convivência dentro do internato dos dois menores, os intervalos de aula, as horas do banho e os motivos pelos quais Sérgio permanece sem reação à perseguição desferida por Sanches. E por fim, serão demonstrados aspectos da violência que permeiam em sistemas opressores, relacionando os conflitos de classes e as relações entre os personagens da obra.

1. A LITERATURA DE RAUL POMPEIA

Raul D'Ávila Pompéia nasceu em 1863, em Angra dos Reis, no Rio de Janeiro e suicidou-se em 1895, aos 32 anos de idade. Filho de Antônio D'Ávila Pompéia e Rosa Teixeira Pompéia, o autor da famosa obra *O Ateneu* cresceu no seio de uma família abastada e muito influente. Aos 10 anos de idade teve a primeira experiência de viver longe da proteção dos pais ao iniciar os estudos no internato Colégio Abílio e mais tarde, concluiu os estudos secundários no renomado colégio Dom Pedro II.

Suas posições ideológicas sofriam influências de leitura de pensadores europeus da segunda metade do século passado, como os irmãos Goncourt, Flaubert e outros escritores franceses de romances mais recentes do Realismo e Naturalismo, com visão materialista, antirreligiosa e social.

Elogiado por Afrânio Coutinho na obra *A Literatura no Brasil* (1999), pela sua escrita e desenho, o qual considera Pompéia um artista nato. Capistrano de Abreu, crítico literário do século XIX, também enaltece seus dotes artísticos como escultor e desenhista.

O escritor seguiu uma vida cheia de polêmicas e descontentamentos, o que de certa forma poderia ter contribuído para o seu final trágico, em 25 de dezembro. Foi jornalista, contista, cronista, romancista e orador. Sua produção literária não é muito extensa, mas o suficiente para ser reconhecido como um grande escritor, não apenas pelas publicações de *Uma Tragédia no Amazonas* (1880), *As Joias da Coroa* (1882), texto de teor contrário à monarquia, *Canções sem Metro* (1883), *Alma Morta* - esboço de romance - (1888), *Carta ao autor das <<Festas Nacionais>>* (1893), *Agonia*, romance não concluído (1895), mas também pela maestria com que construiu a obra *O Ateneu*, o que o referenciou como uma das figuras centrais da literatura realista brasileira. Paralelamente, também se interessou por escrever críticas sobre arte, o que lhe garantiu o cargo de secretário da Academia de Belas Artes e de professor na Escola Nacional de Belas Artes.

Sílvia Romero, José Veríssimo e Araripe Júnior, importantes críticos do final do século XIX e início do século XX, teceram críticas favoráveis à obra de Pompéia. Araripe classifica o *Ateneu* como romance psicológico e as nuances da psicologia que envolvia o romance acontece nas relações entre os alunos, na aparente figura do diretor Aristarco que se demonstrava uma figura paterna autoritária, mas

que em algumas situações aparentava estar triste com os alunos por determinadas situações. Araripe chegou a arriscar que no futuro, o autor seria o precursor de uma nova corrente literária.

Segundo Pontes (1935), a obra de Raul Pompéia, escrita em três meses, –foi anunciada por um artigo como obra em moldes inteiramente modernos (p. 190). Nas palavras de Perrone-Moisés (1988), essa classificação se deu pelo fato de que o público leitor ainda era novato ao receber uma obra com caráter mais vanguardista, por isso a narrativa foi incluída em moldes modernos.

Raul Pompéia era uma figura polêmica. No ano de 1887 escreve para jornais e participa de comícios em prol da abolição da escravatura e por esse motivo foi perseguido por parte dos escravocratas. A partir de 1891, se volta inteiramente para a política deixando de lado a literatura, mesmo período em que sofre ofensas de Olavo Bilac, no Jornal *O Combate*, em consequência, Pompéia desafia-o para um duelo à espada, o qual não foi concretizado, graças à ajuda de padrinhos. (CURVELLO, 1981, p. 06).

Outro crítico que comentou a obra de Pompéia foi Mario de Andrade, em *Aspectos da Literatura Brasileira* (1967), ressaltando que o romance dele seria autobiográfico e é o menos naturalista dos nossos romances naturalistas.

A prosa de Pompéia é reflexo ficcional dos abusos afetivos e sexuais da infância e da adolescência, que se repetem com frequência na história da humanidade. Além de *O Ateneu*, em suas crônicas são colocadas questões divulgadas de forma criteriosa, que quase cem anos depois, são debatidos abertamente, como as relações afetivas e os internatos para menores.

1.1 Aspectos realistas e relações interpessoais em *O Ateneu*

O romance *O Ateneu*, publicado pela primeira vez em 1888¹, conta a história de Sérgio, um menino que aos 10 anos de idade, após a chegada ao internato Ateneu, deparou-se com outro mundo e precisou ter muita coragem para enfrentá-lo. E esse foi o conselho do pai: –coragem para a luta!! (POMPÉIA, 1996, p. 17). Sem saber a experiência que estaria por vir, o prenúncio já expõe uma realidade muito diferente da qual Sérgio vivia:

¹ Para este trabalho será utilizada a 16ª ed. do livro publicada pela editora Ática no ano de 1996.

Apesar deste ensaio da vida escolar a que me sujeitou a família, antes da verdadeira provação, eu estava perfeitamente virgem para as sensações novas da nova fase. O internato! Destacada do conchego placentário da dieta caseira vinha próximo o momento de se definir a minha individualidade. (POMPÉIA, 1996, p. 2)

Todo esse contexto vivido por Sérgio, a mudança radical que acontecia em sua vida, dava apenas uma certeza para ele: a partir daquela ruptura com a família e a sua entrada no internato, seria a sua independência e nessa nova fase estaria livre de protetores. Sérgio obteve as primeiras impressões do colégio logo no primeiro dia de aula quando foi perseguido por um colega e teve um desmaio ao ser apresentado ao professor e à turma. Foi em meio a essas situações que começou a compreender a falsidade dos discursos prometidos pelo diretor Aristarco, em conversa com o pai de Sérgio, no momento acordado para o ingresso do menino no colégio.

Outro fator de destaque nas características da obra é o papel da memória atrelada à consciência sobre o espaço e as pessoas do internato. Narrado em primeira pessoa, o romance é fruto das lembranças de Sérgio quando criança, ou seja, já crescido, ele vai rememorando e relatando episódios e fatos vividos no Ateneu que se assemelham às críticas sociais, tais como o patriarcado, cuja figura do homem simbolizava a ordem, o poder, a escolha:

Em suma, um personagem que, ao primeiro exame, produzia-nos a impressão de um enfermo, desta enfermidade atroz e estranha: a obsessão da própria estátua. Como tardasse a estátua, Aristarco interinamente satisfazia-se com a afluência dos estudantes ricos para o seu instituto. De fato, os educandos do Ateneu significavam a fina flor da mocidade brasileira. (...) Meu pai ministrava-me informações. Diante da arquibancada, ostentava-se uma mesa de grosso pano verde e borlas de ouro. Lá estava o diretor, o ministro do império, a comissão dos prêmios. Eu via e ouvia. Houve uma alocução comovente de Aristarco; houve discursos de alunos e mestres; houve cantos, poesias declamadas em diversas línguas. O espetáculo comunicava-me certo prazer respeitoso. (POMPÉIA, 1996, p. 03).

Nesses excertos, o que se evidenciava são os comportamentos moralmente condenáveis da burguesia, como a competição desenfreada e a descartabilidade de bens materiais e imateriais, dentre eles a própria literatura. Outros comportamentos podem ser observados abaixo:

Uma coisa o entristeceu, um pequenino escândalo. Seu filho Jorge, na distribuição dos prêmios, recusara-se a beijar a mão da princesa, como faziam todos ao receber a medalha. Era republicano o pirralho! Tinha já aos quinze anos as convicções ossificadas na espinha inflexível do caráter! Ninguém mostrou perceber a bravura. Aristarco, porém, chamou o menino à parte. Encarou-o silenciosamente e — nada mais. E ninguém mais viu o republicano! Consumira-se naturalmente o infeliz, cremado ao fogo daquele olhar! Nesse momento as bandas tocavam o hino da monarquia jurada, última verba do programa.

[...] A este vaivém de atitudes, feição dupla de uma mesma individualidade e contingência comum dos sacerdócios, estava tão habituado o nosso diretor, que nenhum esforço lhe custava a manobra. O especulador e o levita ficavam-lhe dentro em camaradagem íntima, bras dessus, bras dessous. Sabiam, sem prejuízo da oportunidade, aparecer por alternativa ou simultaneamente; eram como duas almas incohas num só corpo. (POMPÉIA, 1996, p. 6-10).

Percebe-se que O Ateneu era fruto de um sistema educacional corrupto e hipócrita, mas se mantinha pela aparência de uma instituição respeitável. No entanto, essa aparência não convencia aqueles que por lá ficavam internos. O filho de Aristarco, Jorge, estudava no Ateneu e em uma das cerimônias desencantou o pai, recusando-se a beijar a mão da princesa, por ser republicano:

É uma organização imperfeita aprendizagem de corrupção, ocasião de contato com indivíduos de toda origem? O mestre é a tirania, a Injustiça, o terror? O merecimento não tem cotação, cobrem as linhas sinuosas da Indignidade, aprova-se a espionagem, a adulação, a humilhação, campeia a intriga, a maledicência, a calúnia, oprimem os prediletos do favoritismo, oprimem os maiores, os mais fortes, abundam as seduções perversas, triunfam as audácias dos nulos? A reclusão exacerba as tendências Ingêntas?

[...]Tanto melhor: é a escola da sociedade.

[...] O internato com a soma dos defeitos possíveis é o ensino prático da virtude, a aprendizagem do ferreiro à forja, habilitação do lutador na luta. (POMPÉIA, 1996, p. 96 - 97).

As citações acima se coadunam na organização onde se percebe ligação à tese central do Dr. Cláudio, professor, figura que representa uma pessoa intelectual, promove palestras no Ateneu, cujo objetivo é instruir sobre a instituição. O internato duramente põe à prova as crianças, testando suas aptidões, preparando-as para a vida em sociedade. Por isso, quanto maior a proximidade das condições de vida semelhantes entre a -vida em sociedade e o -internato, melhor seria o preparo das crianças e jovens para o externato.

O sistema em que o Sérgio está envolto traduz o discurso da submissão, ratificado pelas palestras do Dr. Cláudio, que servem para domesticar os ouvintes. Tudo isso fazendo parte do -jogo de que o Ateneu é o melhor em termos de educação para o preparo à sociedade. Dr. Cláudio, personagem que realizava preleções aos sábados, defendia o regime: -O internato é útil; a existência

agita-se como a peneira do garimpeiro: o que vale mais e o que vale menos se separam (POMPÉIA, 1996, p. 97). Esse discurso contumaz do professor traduz a separação de classes existentes no colégio, os alunos cujos pais fossem oriundos da classe burguesa recebiam tratamento diferenciado dos demais de classes menos favorecidas economicamente.

O mundo de Sérgio vai se reformulando de forma gradual, a cada acontecimento, a cada descoberta naquele cosmos misterioso e perigoso, ao que concorrem dois importantes momentos. O primeiro, quando descobre de forma casual um folheto pornográfico do funcionário da lavanderia. E recebe um choque, despertando a sexualidade e o erotismo latente nele, conforme o que narra:

Como tardava o criado, apanhei aborrecido um folheto que ali estava à mesa dos assentos, entradas de enxoval, registros de lavanderia. Curioso folheto, versos e estampas... Fechei-o convulsivamente com o arrependimento de uma curiosidade perversa. Estranho folheto! Abri-o de novo. Ardía-me à face inexplicável incêndio de pudor, estrangia-me a garganta esquisito aperto de náusea. Escravizava-me, porém, a sedução da novidade. Olhei para os lados com um gesto de culpado; não sei que instinto me acordava um sobressalto de remorso. Um simples papel, entretanto, borrado na tiragem rápida dos delitos de imprensa. Arrostei-o. O roupeiro veio interromper-me. -Larga daí! disse com brutalidade, isso não é para menino!! e retirou o livrinho. (POMPÉIA, 1996, p.13)

O segundo momento libera Sérgio de sua devota Santa Rosália, cuja imagem guardava sob o travesseiro, o que configura liberdade em suas ações e privações:

Fora da zona magnética em que me cativava o bom amigo, concertaram-se os meus instintos sopitados de revolta e Sanches passou a ser um desconhecido. Sacrificava-se de golpe o amigo, o explicador e o vigilante: um rasgo de heroicidade. Ao primeiro encontro depois do rompimento, o homem viu que estava tudo acabado. Andou a rondar-me, temperando o olhar com um brilho de facadas. (POMPÉIA, 1996, p. 25).

Não tendo força para estacar de arranco a torrente de séculos cristãos, consegui ao menos ficar à margem. Ignorante do ateísmo, limitei-me a voltar o rosto aos fantasmas do eterno. Subi ao dormitório, tirei da gaveta Santa Rosália, guardei a flor da última oferenda, seca, porque a minha pontualidade de culto falseava já, depus-lhe em despedida um ósculo, e, sem mais profanação, fi-la baixar à sala de estudo, onde lhe cometi o modesto encargo de marcar as páginas de um volume. Estava demitida a minha padroeira! (POMPÉIA, 1996, p. 39).

Em torno do clima tenso em meio aos acontecimentos, como a perseguição e investidas de Sanches sobre Sérgio que se iam intensificando cada dia mais, em consequência é intensificada a guerra que ocorria entre os meninos. A austeridade por parte do diretor Aristarco, que por todos os meios físicos e morais demonstrava quem –mandava|| no *Ateneu*, era mais um atenuante que produzia medo nos alunos do colégio:

Aristarco veio sobre mim. Que explicasse a briga! Eu estava como o adversário, empoeirado e sujo como de rolar sobre escarros.
 [...] Respondi-lhe com violência.
 [...] –Insolente!! rugiu o diretor. Com uma das mãos prendendo-me a blusa, a estalar os botões, com a outra pela nuca, ergueu-me ao ar e sacudiu. —Desgraçado! desgraçado, torço-te o pescoço! Bandalhozinho impudente! Confessa-me tudo ou mato-te.!!
 [...] A injúria equilibrou-me do espanto. Estava tudo perdido. Deitei bravura –Mestre, mestrisíssimo cook!! gritei-lhe à barba. Não sei bem do que houve. Quando dei por mim, estava estendido embaixo de uma escada. Entraram-me na cabeça três pregos, que havia nos últimos degraus. Ponderando que tinha no futuro tempo de sobra para vingança, levantei-me e sacudi da roupa a poeira humilhante da derrota.
 [...] Perguntei ao Franco como passava. Ele agitou devagar as pálpebras e sorriu-se. Nunca lhe conheci tão belo sorriso, sorriso de criança à morte. Oito horas da noite. O gás atenuado produzia eflúvios contristadores de claridade. Retirei-me sem aprofundar a vista pelos outros dormitórios, em cujas vidraças espelhantes devia passar sucessivamente a minha sombra.
 [...] Procurei o diretor e comuniquei-lhe os meus terrores.
 No dia seguinte, um domingo alegre, Franco estava morto. (POMPÉIA, 1996, p. 69 -98).

Esses são alguns trechos evidenciando que o clima dentro do internato era movimentado e tenso, onde se constata a violência verbal, violência física até a morte, resultando em uma perturbação para aqueles que conviviam de modo confinado e sem chance de manifestações contrárias aquelas situações.

O livro, portanto, em sentido lato, apresenta-se com caráter de crítica e denúncia às práticas da sociedade, pois como bem pontua Andrade (1972, p.184), o *Ateneu* representa a –estética da sociedade, com seus vícios e instintos, com exageros e comparações zoomórficas, como o naturalismo propõe. Para este crítico, o *Ateneu* representa um dos aspectos mais altos do Naturalismo brasileiro e em sua obra observa-se a presença de características naturalistas:

[...] representa exatamente os princípios estético-sociológicos, os elementos e processos técnicos do Naturalismo. É sempre aquela concepção pessimista do homem-besta, dominado pelo mal, incapaz de vencer os seus instintos baixos - reflexo dentro da arte das doutrinas evolucionistas... O *Ateneu* representa um dos aspectos particulares mais altos do Naturalismo brasileiro. (ANDRADE, 1974, apud QUINTALE NETO, 2007, p. 184).

Estudiosos e críticos literários procuraram enquadrar a obra de Raul Pompéia em determinada estética literária, várias foram às discussões sobre os aspectos dessa representação que se debruçou na ficção e vem reunindo uma série de conjecturas sociais, dentro de uma visão crítica, voltada para a violência infantil.

A violência pode interferir no desenvolvimento físico, mental e social das crianças e adolescentes, em meio a essas preocupações a análise dentro do contexto histórico social da obra, se torna fator determinante para entender que, em se tratando do século XIX, supõe-se que a criança que adentrasse no colégio *Ateneu*, estaria sujeita a passar por situações as quais, viria a sofrer posteriormente.

Em relação à abordagem da violência na representação do *Ateneu*, um espaço educacional fechado, Pompéia demonstra um talento nos recursos utilizados em prol do clima de denúncia na narrativa de Sérgio, uma representação que poderia ser anônima, pois serviria para memória de crianças que tivessem passado por experiências análogas, mas situações de violência podem ocorrer em outros contextos sociais, independente da época, configurando assim a obra *O Ateneu* como atemporal.

Segundo Sodré (1965), o Naturalismo "é a escola em que se utiliza da representação fiel da realidade, ou seja, a experiência vivida no meio social e em seu contexto histórico" (p. 19). Alguns traços do Naturalismo se encontram evidentes no livro como a homossexualidade, o edipianismo² e as ambições, reflexos de uma sociedade hipócrita. O naturalismo se desenvolve nas entranhas do realismo. A diferença está que o realismo enfoca o homem e as mazelas da civilização segundo uma perspectiva sociológica. Desta forma, os determinantes do realismo são os males educacionais e morais. Já o naturalismo tende para o lado biológico-patológico, onde o ambiente transforma o homem em um ser

² Relativo à ou próprio da interpretação psicanalítica da tragédia Édipo Rei (diz-se de conflito, triângulo, período, estrutura etc.)

com distúrbios fisiológicos e nervosos e gera doentes mentais, adúlteros, prostitutas, desvios sociais. (PERRONE-MOISÉS, 1988, p. 236).

Em relação a *O Ateneu*, a criação artística de Pompéia envolve toda uma sociedade não só do século XIX, mas essas relações que tratam de envolvimento de crianças e adolescentes ganham dimensão histórica. –Não há no livro personagens reais, copiados *in totum* de um modelo único; mas não há fatos inventados, nem cenários de fantasia. Tomando traços daqui e dali o autor harmonizou-se com grande talento, de modo a fazer viver os seus personagens (IVO, 1963, p. 61).

Nessa citação há referência à obra de Pompéia como um romance que não se inspirou no homem, mas que toda a inspiração em torno da obra teria o objetivo de formar uma –visão de mundo. Considerava aquele livro um –eco do colégio de sua experiência pessoal e estabelece o fato do autor ter vivido em um internato –Colégio Abílio, que existia em Laranjeiras, conseqüentemente revestiu a obra de grandes belezas de estilo, pois a projeção de sua experiência pessoal se deu apenas como uma criação artística.

Os recursos utilizados por Raul Pompéia, como estilo, cenários, personagens, enredo, se conjugam para enriquecer os personagens da obra *O Ateneu*. Segundo Curvello (1981) a obra de Pompéia retrata uma dissidência dentro da estética do Naturalismo:

As influências do Naturalismo são claras nas descrições de Ângela e na tensão de homossexualidade das relações de Sérgio com Sanches, com Bento Alves, com Egbert e no ambiente dos rapazes da última classe. Predomina no movimento dos personagens, a feição do instinto, do homem animal, nos ataques de Barbalho contra Sérgio, nas artimanhas de Sanches, na loucura de Bento Alves, na brutalidade sexual de Ângela. (p. 101).

Alguns trechos abaixo relacionados refletem passagens da narrativa onde não somente Sanches –ostentava um mal, mas outros meninos. Esse clima pairava no internato que tanto afligia Sérgio, é o que Curvello (1981) reafirma: —o Ateneu é a consequência de instintos conturbados.

[...] Trepada ao muro e meio escondida por uma moita de bambus e ramos de hera, vinha Ângela, a canarina, ver os banhos da tarde. Lançava pedrinhas aos rapazes; os rapazes mandavam-lhe beijos e mergulhavam, buscando o seixo. Ângela, torcendo os pulsos, reclinando-se para trás, ria perdidamente um grande riso, desabrochado em carola de flor através dos dentes alvos. (POMPÉIA, 1996, p. 16 - 18).

Soavam-me ainda aos ouvidos as prédicas de ascetismo do Barreto. Para ele o mal era fêmea. O Sanches entendia que era macho. Amarrava-lhe um rabo ao cóccix e criava o Satanás bilontra, imoral e alegre. A cauda do demônio do Barreto era de rendas. Na Rua do Ouvidor, faria o Satanás — fanfreluche. Uma coisa horrível, com dois olhos, destinada à perdição dos homens. (POMPÉIA, 1996, p.42).

[...] Foi à noite, pouco antes da ceia. Estávamos a um canto mal iluminado do pátio, quase sós. O biltre reconheceu-me e arreganhou uma inexprimível interjeição de mofa. Não esperei por mais. Estampe-lhe uma bofetada. Meio segundo depois, rolávamos na poeira, engalfinhados como feras. Uma luta rápida. Avisaram-nos que vinha o Silvino. Barbalho evadiu-se. Eu verifiquei que tinha o peito da blusa coberto de sangue que me corria do nariz.(...) (POMPÉIA, 1996, p.42).

Personagens como a empregada do Ateneu, Ângela, é a representante da classe inferior: -Ângela tinha cerca de vinte anos; parecia mais velha pelo desenvolvimento das proporções. Grande, carnuda, sanguínea e ferosa, era um desses exemplares excessivos do sexo que parecem conformados expressamente para esposas da multidão. (POMPÉIA, 1996, p. 45).

Os personagens do Ateneu possuem suas individualidades, assim é um reflexo da sociedade e das pessoas de um modo geral, o Dr. Cláudio, era tipo porta voz do colégio suas aulas baseavam-se na arte, relações entre a escola e sociedade e suas dimensões quanto à realidade da existência humana.

Dr. Cláudio -idealiza e distingue a arte natural da arte naturalista (CURVELLO, 1981) em sua segunda conferência narrada na obra que o expõe dentro da estética naturalista, fundamentada na filosofia positivista, tendo Taine como o representante:

A conferência do Dr. Cláudio foi subversiva, mas em sentido diverso da primeira. Versou não mais sobre a literatura no Brasil, porém sobre a arte em geral:

[...] Arte, estética, estesia é a educação do instinto sexual.

[...] Para que o indivíduo perca, momento genésico da existência específica no tempo, é indispensável adaptar-se as imposições do meio universal. O rio a correr não despreza o detalhe do mais insignificante remanso, nem pode sofismar o obstáculo do menor rochedo no alvéu. O critério inconsciente do instinto é o guia da adaptação. (POMPÉIA, 1996, p.55).

Em se tratando dos fatos marcantes do personagem principal, observa-se que a relação entre Sergio e outros personagens dentro do colégio não é explícita, mas através dos relatos, percebem-se ligações afetivas entre os meninos. Diante disso, a violência transparece na brutalidade das relações entre os internos, o contraste entre um ambiente de festas em meio à obscuridade e turbulência do cotidiano da instituição. O que se transfigura nas relações entre Sanches e Sergio: –A convivência do Sanches fora apenas como o aperfeiçoamento aglutinante de um sinapismo, intolerável e colado, espécie de escravidão preguiçosa da inexperiência e do temor. (POMPÉIA, 1996, p. 84).

Essa representação da realidade reflete a sociedade de um modo geral, contendo críticas severas e denúncias sobre as relações de poder e violência. O diretor Aristarco é símbolo do poder, quando media os interesses dentro da instituição. Mas, supõe-se que Sanches também gozava de poder, por ser –chefe de grupo.

1.2- Infância e violência: a criança e o meio

O sentimento de infância, segundo Ariès (1981), traça suas características e suas relações no meio social e familiar. Enfatiza a relação de desvalorização da criança, principalmente a pobre, que desconhece privilégios, os quais estariam voltados às crianças burguesas: –Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. [...] É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo. (ARIÈS, 1978, p.17).

É possível observar que as análises de Ariès (1981) partem do Século XII quando pressupõe que a criança não era notória para a arte medieval e os registros do período não demonstram crianças separadas ou com tratamentos diferenciados dos adultos. Até porque existiu um registro de identidades diferentes naquela época –idades da vida. O que seria um espanto se as pessoas daquele tempo pudessem conhecer o processo advindo da modernidade, ao qual nos submetemos com naturalidade. Sobre a identidade civil:

É preciso ter em mente que toda essa terminologia que hoje nos parece tão oca traduzia noções que na época eram científicas, e correspondia também a um sentimento popular e comum da vida. A vida se torna então um drama, que nos tira do tédio do cotidiano. Para o homem de outrora, ao contrário, a vida era continuidade inevitável, cíclica, às vezes humorística ou melancólica das idades, uma continuidade inscrita na ordem geral e abstrata das coisas, mais do que na experiência real, pois poucos homens tinham o privilégio de percorrer todas essas idades naquelas épocas de grande mortalidade. (ARIÈS, 1978, p. 9).

A infância e a juventude e a sua representatividade, de acordo com Ariès (1981), considerado pioneiro nesse estudo, parte do princípio que na antiguidade crianças eram considerados seres inferiores, não necessitavam de tratamento diferenciado, o que pressupõe que eles serviam de manipulação por parte dos adultos. Logo que atingiam independência física eram imediatamente inseridas no mundo dos adultos, passavam a frequentar os mesmos ambientes. Existia indiferença em relação às idades biológicas da criança. Para Ariès (1981) –a ideia de infância estava ligada à ideia de dependência. Segundo um calendário das idades do século XVI, aos 24 anos –é a criança forte e virtuosa, e –Assim acontece com as crianças quando elas têm 18 anos. (p.11).

Em relação ao des pudor da criança, assuntos sexuais e brincadeiras grosseiras, indecência dos gestos, não se configurava em atitudes estranhas e imorais, mas os adultos gozavam de liberdades em suas atitudes diante do infante. Ariès (1981) lembra que –nenhum outro documento poderia dar-nos uma ideia mais nítida de total sentimento moderno da infância nos últimos anos do século XVI e início do XVII. (p.73).

Na verdade, essas práticas de associar crianças às brincadeiras dos adultos eram consideradas normais para a sociedade da época. Somente em meados do século XVIII, esse pensamento começa a apresentar mudanças. Conforme Ariès (1978), essa mentalidade persistia entre o povo, mas não era mais tolerada nos –meios evoluídos.

Havia preocupações em fazer a separação dessas crianças para protegê-las do ambiente nocivo, principalmente privar da convivência dos criados, evitando assim a promiscuidade dessas relações. Com isso, –os moralistas queriam isolar a criança para preservá-las das brincadeiras e dos gestos que então passaram a ser considerados inocentes. (ARIÈS, 1981, p.90).

É necessário esclarecer que apesar do sentimento de infância na sociedade medieval não existir, não significa afirmar haver negligência em relação à mesma. De acordo com Ariès (1981), a expressão –sentimento de infâncial é relativa à consciência da particularidade infantil. Os problemas relacionados às crianças e adolescentes passam por processos históricos, porém os estudos deste autor são de fundamental importância e contribuíram para uma análise específica que perdura por séculos.

Partindo dessa análise geral, em relação ao Brasil, segundo Del Priore (2013), a trajetória das crianças e adolescentes é marcada de privações, como maus-tratos, abusos sexuais, miséria, fome, resultados da escravidão e violência. Sendo assim, tratar destes temas significa remontar a uma história complexa, principalmente antes e depois do período colonial.

Para conhecer o processo social e cultural de tratamento dispensado às crianças no Brasil é preciso considerar que haviam as crianças africanas trazidas da África para serem escravizadas e as crianças livres nascidas no Brasil. Desta forma, nessa relação com a história da infância a partir do período colonial, se faz necessário rever relatos religiosos do período, quando os padres Jesuítas vieram ao Brasil. Estes religiosos pertenciam à Companhia de Jesus, uma ordem religiosa da Igreja Católica, responsáveis pela sua catequese e educação. (LINHARES, 1996, p.31). Foram os Jesuítas que trouxeram os primeiros modelos de crianças ao Brasil:

No Brasil, o sentimento de infância iniciou, ainda que diminuto, após a colonização europeia, especificamente, com os padres Jesuítas e sua proposta de ensino e de catequização junto aos povos indígenas e, sobretudo, às crianças. [...] Os padres jesuítas foram os percussores da criação das primeiras escolas, ainda no período colonial, eles tinham a função de catequizar e amainar as comunidades que habitavam terras brasileiras, assim como, contribuir com educação e ensino cristão também dos africanos trazidos para o Brasil com a finalidade do trabalho escravo. (DEL PRIORI, 1995, apud PASSETI, 2016, p.55).

Com a expulsão dos Jesuítas, a educação das crianças ficou à deriva. Para os colonizadores as pessoas que habitavam a terra gozavam de pleno atraso cultural e eram desprovidos de educação, o que ocasionou a desumanização dos povos negros e indígenas. –A puberdade era entendida como o momento da passagem da inocência original da infância à idade perigosa do conhecimento do bem e do mal, em que a criança assumiria o comportamento do adulto (NETO, 2000, p. 105).

E de acordo com esse pensamento, a preocupação da educação das crianças era prioridade para os Jesuítas, os quais ocuparam papel importante nessa área quando vieram ao Brasil. Para não fugir aos seus objetivos, os jesuítas criaram o projeto pedagógico de colonização jesuítica com o objetivo de divulgar a fé cristã e catequisar os indígenas. Nesse contexto, –A infância é percebida como momento oportuno para a catequese porque é também momento de unção, iluminação e revelação [...] momento visceral de renúncia, da cultura autóctone das crianças indígenas|. (DEL PRIORE, 1995, apud PASSETI s/a, p. 4).

As crianças que não aderissem a esse tratado eram consideradas diabólicas, porque o mal já habitava nelas. Além dessa situação, havia as que eram abandonadas, órfãs, que eram jogadas fora sem dó e piedade:

[...] um estrondoso número de bebês abandonados que eram deixados pelas mães à noite, nas ruas sujas. Muitas vezes eram devorados por cães e outros animais que viviam nas proximidades ou vitimados pelas intempéries ou pela fome (NETO, 2000, p. 107).

Isso pode explicar o sentimento de desvalorização por parte de muitos, a situação de abandono, por vários fatores perdura por séculos, os motivos são diversos, como problemas financeiros, filhos fora do casamento, a ausência de políticas públicas e outros fatores que aumentam essas estatísticas.

Nos séculos XVIII e XIX, a criança é confinada em internatos onde o regime é severo, com objetivos de apressar seu amadurecimento infantil. Tudo isso serviria de molde para que os antigos vínculos afetivos fossem rompidos. Laços de família, parentesco, amigos e novas relações viriam a ser criados, através de vínculos definidos por seus tutores e também padrões clássicos sugeridos pela sociedade, sem levar em conta a individualidade do ser humano em formação. Se caso surgissem prováveis ameaças, haveriam adultos amadurecidos que serviriam de escudo, proteção e defesa a esse ser impotente e fragilizado pelo sistema, de forma a preservar sua condição física, natural da idade.

Em face do processo histórico da criação do sentimento da infância em torno das crianças, a distinção foi notada a partir dos trajes. Numa época em que existia importância na forma de vestir, a visão dos adultos evoluiu e começou por manifestar sentimentos como carinho e atenção. Entre o

século XIX e XX, é que a criança e seus comportamentos são cada vez mais objeto de estudo de pesquisadores da Psicologia, Sociologia, Antropologia, Educação e áreas afins, com o intuito de compreender as mudanças que ocorreram na concepção de infância (OLIVEIRA, 2002).

Retomando os estudos de Zilberman (2003), no final do século XVII é que os primeiros livros para crianças foram produzidos. Antes não se escrevia para elas devido a ausência do –sentimento de infâncial, esclarecendo que somente na idade moderna veio a faixa etária diferenciada. Hoje, esta afirmação pode surpreender. Todavia, a concepção de uma faixa etária diferenciada com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só aconteceu em meio à idade moderna.

Quanto ao livro de Pompeia, *O Ateneu*, há uma representação sobre a violência sexual infantil e a subordinação como um dos núcleos da narrativa. Contudo, o que se nota é que naquele contexto, é construída em um cenário de nível social e cultural deformado pela imoralidade e hipocrisia. Igualmente, pode-se dizer se tratar de história sobre amadurecimento humano, que ocorre dentro de um espaço hierárquico e socialmente parecido. Ou seja, a representação da violência passa a fazer sentido quando passamos a compreender que o internato não é aquilo que deveria ser, é um microcosmo social predisposto a uma possível emancipação do ser. Por outro lado, é um espaço que pode também revelar riscos a partir da legitimação das diferenças de poder, de forças construídas e que autorizam até mesmo a invasão do corpo privado de Sérgio.

Sérgio começa a estudar em um colégio somente para meninos aos onze anos de idade e presencia outra realidade que talvez não pudesse encontrar dentro de casa ou fora dos muros do Ateneu, lugar onde passou por momentos de violência, sem deixar transparecer qualquer tipo de suspeita. Seus algozes são homens que, aparentemente estão em uma posição respeitável nos internatos, legitimados pela posição que ocupam nesses espaços. Sanches protege Sérgio das agressões e castigos do diretor do internato e dos outros alunos. Assim, é necessário compreender como os discursos sobre abusos podem ser usados e transformados, tanto para propiciar ou atender a violência na intimidade, como para limitar ou inibir o seu uso.

Frente a isso, observamos que a ação da violência praticada por Sanches faz parte do processo da posição privilegiada que ocupa. Esta legitimação do poder pela via da autoafirmação da masculinidade é um modelo socialmente aceito na nossa sociedade, o colocando em uma posição

superior muito propícia ao mascaramento de seus desejos libidinosos. De igual maneira, podemos dizer que o próprio espaço criado – um sistema educacional rígido, autoritário e que não prega a diversidade – se configura como ambiente que não tolhe práticas abusivas, principalmente porque a voz de uma criança é silenciada, quando não, descredibilizada.

A representação da instituição de colégio interno, separado por gênero, traduz um modelo que se estabeleceu em séculos anteriores ao século XIX, onde o sexo era assunto de tabu, e quem se posicionava contra, era considerado transgressor. Observam-se os estudos realizados por Foucault que abrange a trilogia sobre a sexualidade onde ele observa o processo histórico cultural e pesquisa a maneira como esse saber sobre o sexo foi formado.

Consideremos os colégios do século XVIII. Visto globalmente, pode-se ter a impressão de que aí praticamente não se fala em sexo. Entretanto, basta atentar para os dispositivos arquitetônicos, para os regulamentos da disciplina e para toda a organização interior: lá se trata continuamente do sexo. (FOUCAULT, 2014, p. 31).

A partir desse contexto histórico estudado por Foucault, a organização é formalizada e construída para evitar a liberdade sexual dentro dos muros da instituição. Há todo um aparato para seus propósitos, uma estrutura elaborada e montada para sugerir protótipos. Na teoria, não há lugar para sexo, pois é imoralidade, proibido, o que logo é desfeito na convivência dentro do ambiente. Os detentores da administração e poder se preparavam para frustrar qualquer tentativa de contato ou falatório sobre o assunto.

Toda essa estrutura é montada (administração, educação, espaço e disciplina) com finalidade de lucro, não importando as consequências. Essa movimentação financeira é a mola propulsora das pessoas de modo a desempenhar papéis representativos dentro da sociedade. É onde são perpetuadas ações cujo objetivo é um mecanismo elaborado para determinados fins. De forma subjetiva vêm construindo o discurso, coibindo as represálias por parte dos alunos, pelo jogo de punições existentes, subtendendo-se. Segundo Foucault (2014) por meio do –espaço da sala, a –forma das mesas, o –arranjo dos pátios de recreio, a –distribuição dos dormitórios, esses –com ou sem separações; são articulações, constatações que o sexo está presente.

Essas questões apontadas por Foucault podem ser verificadas em *O Ateneu*, como exemplo, no seguinte trecho: –A vadiagem dos dormitórios não consistia só em palestra. Depravados pelo aborrecimento e pela ociosidade inventavam extravagâncias de cinismo (POMPÉIA, 1996, p. 67). Nesse sentido, *O Ateneu* é um espaço caracterizado por um microssistema que coloca Sérgio subjugado a um possível poder. Um poder que, aliás, naquele momento de sua vida, era impossível de ser questionado.

As representações da violência pela qual o menino passou nesse ambiente, sempre estarão vivas em meio à sua memória. E, quando ocorrem tensões, resistências, rupturas, a descrição do que aconteceu no internato nos ajuda a pensar a respeito de um espaço marcado pela perda e por interesses. É importante lembrar que as memórias dos abusados são contadas a partir de uma percepção adulta, à luz de experiências e vivências infantis. Assim, a clareza dos fatos narrados e a descrição do abusador são bem objetivas, sobretudo quando são descritos com comportamentos considerados, ao mesmo tempo, amigáveis e animalescos. Nesse sentido, Sérgio quando retorna ao passado – escreve suas memórias – possibilita o diálogo entre o Eu e o Outro (esse Eu sendo o momento presente, o –eu agora, e o Outro sendo o –eu do passado).

Através de uma breve análise sobre o comportamento humano, observamos que o conhecimento que adquirimos advém de construções que não são pessoais, mas de inter-relações e interações que ocorrem com outras pessoas. A linguagem humana é o meio pelo qual as pessoas compartilham experiências vividas e transmitem para as gerações posteriores.

Os relatos das representações sociais através da teoria buscam compreender sentimentos e ações presentes na realidade. Em consonância às representações sociais, apresentam elementos semelhantes à teoria, pois busca compreender sentimentos e ações presentes na realidade. Se por uma visão móvel há um emaranhado de ideias, imagens e metáforas interligadas, essas diferem da teoria por ser constante:

Nenhuma mente está livre dos efeitos de condicionamentos anteriores que lhe são impostos por suas representações, linguagem ou cultura. Nós pensamos através de uma linguagem, nós organizamos nossos pensamentos, de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por nossas representações, como por nossa cultura. Nós vemos apenas o que as convenções subjacentes nos permitem ver e nós permanecemos inconscientes dessas convenções. (MOSCOVICI, 2005, p. 35).

Como se pode notar a partir da citação acima, para Moscovici (2005), uma representação pode ser compreendida através do retorno ao passado familiar e o momento em que essa representação se torna –familiar‖ para o grupo determinado.

Não seria condizente com a realidade proferirmos que não houvesse desde o século XVIII medidas que acelerasse o processo de formular maneiras para que a criança falasse um jeito de valorizar o saber que emanava delas mesmas. –A partir do século XVIII, o sexo das crianças e dos adolescentes passou a ser um importante foco em torno do qual se dispuseram inúmeros dispositivos institucionais e estratégias discursivas‖ (FOUCAULT, 2014, p. 33).

Quando se aprofunda a análise dos colégios do século XVIII, as impressões iniciais são de que não se preocupavam em falar de sexo, porém segundo Foucault, nos regulamentos de disciplina, os dispositivos arquitetônicos e a organização interior o sexo já se faziam presente de forma contínua. O assunto de sexo dos adolescentes passa a ser um problema público nesse período. Observa-se que os médicos se dirigem aos diretores dos estabelecimentos e aos professores, orientam famílias; pedagogos submetem seus projetos às autoridades. Amplia a tese da literatura com preceitos, observações, advertências médicas e exemplos edificantes. (FOUCAULT, 2014).

Daí foi surgindo maneiras, porém infrutíferas que não qualificaram seu desenvolvimento em relação à voz do menor, entre os séculos XVIII e XIX, pois, no caso do Ateneu século XIX, o que pode ter contribuído para acontecimentos tenebrosos e violentos. A liberdade e o poder existentes em sociedades que permitiram a concretização dos atos imorais e taparam suas vistas às realidades existentes. Ainda é possível nortear situações as quais se possam evitar relações abusivas, sejam deliberadas pela hierarquia existente entre as classes dominantes sobre as menos favorecidas, ou permissivas de adultos com menores.

Segundo interpreta Foucault sobre o Ocidente que apesar dele não desenvolver novidades sobre o jogo dos poderes, foi nesse local que explode uma onda de perversões, com variações e práticas de sexualidade diversificadas.

A sociedade -burguesa do século XIX e, sem dúvida, a do século XX, ainda é uma sociedade de perversão explosiva e fragmentada. [...] Não fixa fronteiras para a sexualidade, provoca suas diversas formas, seguindo-as através de linhas de penetração infinitas. (FOUCAULT, 2014, p. 52)

Desta forma, fica evidente que é a sociedade que legaliza a mais diversa prática sexual, que é moldada pela especificidade dos indivíduos e promove manifestações de diversos níveis. O que se pode perceber é que a evolução humana acontece em grande velocidade, segundos são capazes de transformar coisas, em eras tecnológicas, industriais, as coisas e os sistemas são progressivos e a sociedade ganha com essas premissas, porém, nas relações humanas os impasses permanecem fortes e deturpantes quando o assunto é sexo.

O Ateneu, um lugar propício para educar e transmitir conhecimentos, configura-se em representação de violência. Sabe-se que existem outros lugares, em vários locais e em épocas distintas, com acontecimentos parecidos envolvendo jovens e adolescentes, vitimados e marcados por um passado sortido e perturbador. Além do que, seria necessária a criação de políticas sociais em prol do atendimento das vítimas de violência sexual, principalmente crianças e adolescentes, com o objetivo de contribuir para seu desenvolvimento. Até quando a sociedade dos fragilizados por serem pequenos, vulneráveis, sofrerão sem serem ouvidos? São perguntas para as quais ainda não encontramos respostas, mas que pairam no ar de um mundo onde os valores individuais são relacionados ao poder e acabam monopolizados pelo sistema.

2 RELAÇÕES DE VIOLÊNCIA: LITERATURA E SOCIEDADE

O romance *O Ateneu*, de Raul Pompéia, traz um envolvimento psicológico que perpassa por toda a narrativa. Trata-se de uma obra onde as personagens e a sociedade na qual estão inseridas estabelecem entre si uma relação dinâmica, próprias das representações construídas, especialmente quando o singular e o coletivo se encontram.

Na obra é possível observar também as transformações pelas quais os personagens vão passando ao longo da história. Assim, por meio das representações sociais, a narrativa vai mostrando ao leitor os costumes e as regras que organizam a conduta social. São representações que trazem em si elementos afetivos e sociais que contribuem para a construção de uma realidade comum. Segundo Adorno (2003) o discurso ficcional da literatura é construído no âmbito social, já que o autor é um sujeito integrante da sociedade e pode transferir para a escrita ficcional parte de sua experiência vivida no meio.

Esse pensamento de Adorno (2003) condiz com a produção que Pompéia apresenta em *O Ateneu*. Ao construí-lo em primeira pessoa, o romance traz uma experiência mais realista da infância, isso justifica a escolha do autor por apresentar o narrador em primeira pessoa. Então, para compreender as representações sociais presentes no romance é preciso analisar como essas representações aparecem no bojo da narrativa, já que a subjetividade do leitor entra em ação quando se inicia a leitura e ele consegue relacionar o que lê com seu contexto representado, estimulando assim os atos que originam a compreensão do texto. (ISER, 1999).

É partindo desses pressupostos que o presente estudo se propõe a investigar as representações de violência reveladas no romance. Isso porque os microcosmos do internato refletem as relações da sociedade. O escritor aproveitou o ambiente como um experimento social para desvendar e criticar a sociedade carioca do final do século XIX. Exemplo disso pode ser encontrado na figura do personagem Aristarco, o diretor do internato que, sendo o símbolo do poder, faz mediações das relações de dinheiro e de interesse dentro *Ateneu*.

Isso se vê exatamente no tratamento dado aos alunos, já que o prestígio destes depende da mensalidade paga e da posição social da família dentro da sociedade. Enquanto os filhos das grandes

_figuras' sociais são bem tratados, mesmo sendo maus alunos, os filhos dos devedores de mensalidades estão sujeitos a inúmeras humilhações. Outros fatores de grande destaque dentro da narrativa quando se pensa a representação social é o contraste: o internato possui um ambiente obscuro e opressivo, e ao mesmo tempo, é palco de grandes eventos festivos. Transparece como um local de disciplina e muito convidativo e as relações são construídas entre todos que fazem parte do ambiente do internato. Enquanto a relação do diretor com os alunos é regida pelo dinheiro, a relação entre os alunos é regida pela libido.

Nota-se, com isso, que é por meio das representações sociais presentes na narrativa que o leitor pode ter sua leitura e interpretação influenciadas, pois é o desencadeamento dos fatos que facilitam o entendimento das informações contidas no texto, uma vez que são elas que funcionam como elementos prévios de leitura.

2.1 - Tipos de violências

Na sociedade, o conceito de violência é determinado pela moralidade e pela ética de cada comunidade ou época. Expor o jovem ou a criança em uma situação de vulnerabilidade, ferindo a sua liberdade tanto moral quanto física, não pode mais ser enquadrado como natural ou admissível. Nesse sentido, é muito importante discutirmos a violência presente no romance *O Ateneu*.

Nesta obra, o depoimento de Sérgio traz questões fundamentais para discutirmos a violência sexual infantil. Embora o internato tenha sido tomado como espaço de realização dessa prática, há de se entender que tal violência não se trata apenas de violência física individual, pois a violação do corpo alheio se constitui como um obstáculo aos direitos e liberdades fundamentais coletivos. Isso quer dizer que não é uma questão que se limita ao plano exclusivamente individual, mas envolve o debate político, social e igualmente, psicológico.

Segundo a cartilha divulgada pelo Ministério Público (2015), o conceito de práticas de violência contra crianças e adolescentes ramifica-se em quatro categorias, a saber: física, psicológica,

institucional e sexual. Para a OMS (2010), a violência sexual é um dos maiores problemas de saúde pública.

Ainda de acordo com o Ministério Público (2010), a violência física é aquela de cunho corpóreo, ou seja, são as violações que causam qualquer tipo de machucado e dor à criança e isso inclui desde simples arranhões até sérios hematomas. O segundo tipo é o de violência psicológica que objetiva constranger, envergonhar, censurar e pressionar a criança ou adolescente de modo vexatório. Já a violência institucional é aquela praticada por instituições formais responsáveis pela sua proteção. Por fim, a violência sexual se caracteriza pela exploração do corpo e da sexualidade de crianças e adolescentes. Tal violência classifica-se em abuso e exploração sexuais. Assim, podemos aferir que Sérgio passará por tais violências:

A física:

No recreio, andava só e calado como um monge. Depois do Sanches não me aproximava de nenhum colega, senão incidentalmente, por palavras indispensáveis. Rebelo tentou atrair-me; eu desviava. Sanches, rancoroso, perseguia-me como um demônio. Dizia coisas imundas. —Deixa estar, jurava entre dentes, que ainda hei de tirar-te a vergonha. Na qualidade de vigilante levava-me brutalmente à espada. Eu tinha as pernas roxas dos golpes; as canelas me incharam. Se Barbalho se lembra de vingar a bofetada, creio que me submetia à letra evangélica. (POMPÉIA, 1996, p. 28).

Após romper relações com Sanches, Sérgio da condição de -protegido|| passa a ser -perseguido|| por seu algoz, que o ofende moralmente e também lhe aplica castigos, pois era -vigilante|| do colégio e autorizado a usar -espada|| contra as irregularidades dos alunos.

A violência institucional:

É uma organização imperfeita, aprendizagem de corrupção, ocasião de contato com indivíduos de toda origem? O mestre é a tirania, a injustiça, o terror? O merecimento não tem cotação, cobrem as linhas sinuosas da Indignidade, aprova-se a espionagem, a adulação, a humilhação, campeia a intriga, a maledicência, a calúnia, oprimem os prediletos do favoritismo, oprimem os maiores, os mais fortes, abundam as seduções perversas, triunfam as audácias dos nulos? A reclusão exacerba as tendências ingênicas?! [...] Tanto melhor: é a escola da sociedade. —[...] O internato com a soma dos defeitos possíveis é o ensino prático da virtude, a aprendizagem do ferreiro à forja, habilitação do lutador na luta. (POMPÉIA, 1996, p. 96 - 97).

Os excertos acima mostram que um dos objetivos das palestras do Dr. Cláudio é instruir sobre a instituição. Trata-se de um discurso que põe à prova as crianças, duramente, testando suas aptidões, preparando-as para a vida em sociedade. Por isso, quanto maior a proximidade das condições de vida semelhantes entre a -vida em sociedade e o -internato, melhor será o preparo das crianças e jovens.

A violência psicológica:

Ilustrar o espírito é pouco; temperar o caráter 'é tudo. É preciso que chegue um dia a desilusão do carinho doméstico. Toda a vantagem em que se realize o mais cedo. (...) A educação não faz almas: exercita-as. E o exercício moral não vem das belas palavras de virtude, mas do atrito com as circunstâncias. (POMPÉIA, 1996, p. 96).

Com a justificativa de 'ilustrar o espírito e o caráter' Sérgio, conduzido pelas mãos do pai, adentra em um ambiente estranho, -o internato. Deste modo, esta mudança de um ambiente familiar para um ambiente estranho no qual passará por várias circunstâncias, ocasionará um amadurecimento mais rápido, principalmente quando submetido às desilusões.

Sobre a violência sexual:

A franqueza da convivência aumentou dia a dia, em progresso imperceptível. Tomávamos lugar no mesmo banco. Sanches foi-se aproximando. Encostava-se, depois, muito a mim. Fechava o livro dele e lia no meu, bafejando-me o rosto com uma respiração de cansaço. Para explicar alguma coisa, distanciava-se um pouco; tomava-me, então, os dedos e amassava-me até doer a mão, como se fosse argila, cravando-me olhares de raiva injustificada. Volvia novamente às expansões de afeto e a leitura prosseguia, passando-me ele o braço ao pescoço como um furioso amigo (POMPÉIA, 1996, p. 22).

Nota-se no excerto acima que Sérgio tenta evitar contatos físicos com Sanches e apesar das desconfianças, permite a aproximação dele, pois necessitava de sua ajuda e -proteção. Logo, este toma a posição de sedutor e companheiro inseparável do menino:

Sanches, como os mal-intencionados, fugia dos lugares concorridos. Gostava de vaguear comigo, à noite antes da ceia, cruzando cem vezes o pátio de pouca luz, cingindo-me nervosamente, estreitamente até levantar-me do chão. Eu aturava, imaginando em resignado silêncio o sexo artificial da fraqueza que definira Rabelo (POMPÉIA, 1996, p. 24).

Percebe-se que as aproximações de Sanches passam a ser mais frequentes. As expressões –resignado silêncio e –sexo artificial da fraqueza são indícios da inferioridade que pairava na relação com Sérgio.

Neste sentido, constata-se que a violência se mostra dentro de uma estrutura de jogo de forças contrárias. Se compararmos o abusado e o abusador, veremos que a vítima sempre se encontrará em uma situação de desigualdade, tanto física e cognitiva, quanto social e psicológica. Segundo o Ministério Público (2015, p. 9), a –criança ou o adolescente vive uma experiência sexualizada que está além de sua capacidade ou de consentir ou entender, baseada na extrapolação do limite próprio, no abuso de –confiança e poder. Assim, a posição social de Sanches, considerado líder de grupo do qual Sérgio pertencia, aponta para esse –abuso de confiança e poder. Sobretudo porque o que se percebe nessas relações é a barganha. Sérgio recebe de Sanches proteção para não apanhar de outros meninos e ajuda nos estudos.

Há também na obra uma questão a ser discutida com relação à violência sexual infantil e que tem a ver com a voz do homem na sociedade. Vivemos um tempo no qual a masculinidade ainda tem poder em determinados espaços sociais e engendrada sob pilares falocêntricos dissemina a ideia do sexo forte, valente e superior. Na obra *O Ateneu*, Sanches é apresentado como homem símbolo desses estereótipos, o que o coloca na cadeia como indivíduo dominante.

O Ateneu, que também é o nome do livro, transfigura-se em um microcosmo social, um lugar de molestamento infantil e como tal, parece denunciar a gravidade do fenômeno – o abuso sexual. O protagonista descreve suas experiências como estudante, como criança e como abusado, num lugar onde as identidades se encontram e se confrontam. A sexualidade de Sérgio, um menino, floresce a partir de um desejo do outro – de Sanches - e não seu. Embora no romance não deixe explícito o ato sexual consumado, as tentativas, as perseguições, os constrangimentos e as intimidações por parte de Sanches se caracterizam também como uma violência sexual.

O mal na terra, descrito pelo Sanches com uma perícia de conhecedor e praticante, tomou vulto no seio das minhas cogitações. A incredulidade primeira acabou em meu espírito, reconhecendo o descalabro deste val de lágrimas em que vivemos. (POMPÉIA, 1996, p. 27).

Após a vivência traumática com Sanches, Sérgio chega à conclusão de que viveu o inferno de sua vida e esmorece na fé, desenvolvendo dentro de si a sensação de incredulidade diante das dificuldades experimentadas dentro do colégio: o relacionamento com Sanches e o descaso das pessoas ao seu redor pelo seu abatimento de espírito. O que nos leva a repensar nesse trauma vivido e narrado pelo personagem Sérgio, buscando ressignificar o conceito de violência, o emaranhado de situações que envolvem o tema e suas consequências.

2.2 As relações entre literatura e violência no Brasil

Observa-se que a violência enraizada no Brasil pode ser evidenciada através de processos históricos, culturais e sociais e nesse viés, merecem destaque os trabalhos sobre a temática dentro do campo das ciências humanas. Felman (apud Ginzburg, 2017) realizou pesquisas vinculadas à pedagogia que abordam a questão do trauma, considerando em melhor instância as relações entre professores e alunos inseridos no século XX em face às tragédias históricas, temas relevantes e que englobam bem a questão.

Ginzburg (2017) analisa os fundamentos de Ribeiro (1999) em seus eixos centrais voltados ao trauma coletivo, constituído de vivências traumáticas como o processo colonial, mostrando que a Literatura brasileira do século XX alimenta essas problematizações e elabora métodos para a representação realista dos fatos e acontecimentos da época.

Em seu compêndio de textos críticos voltados a estudos sobre a constituição básica da violência no Brasil, Ginzburg (2017) mostra que a questão não se trata apenas de um contexto particular de análise para uma determinada época e valores individuais, mas também parte de um

contexto histórico voltado às situações de autoritarismo, envolta de imagens turbulentas e tristes e que perduram por gerações. Em sua amplitude, em termos históricos, o estudo da violência no Brasil discorre sobre um vasto percurso que esbarra em trauma coletivo. Como mostra os estudos de Ribeiro (1999) em *A dor e a injustiça*, as bases de seu posicionamento são fundamentadas em dois processos violentos de grande amplitude: o processo colonial e a escravidão, no qual resultaram em muitas mortes.

Quando Ribeiro (1999) volta-se aos estudos do processo histórico brasileiro caracterizado por –traumas constitutivos, evidencia problematizações que a literatura brasileira do século XX retrata em suas –representações realistas, pois muitos personagens dentre as obras literárias possuem evidências de carências, passam por situações traumáticas, estabelecendo relações com a tristeza e outras situações melancólicas.

Note-se que no tratamento dado a temas relevantes como a violência e traumas, conforme mostra Ribeiro (1999), tem também grande destaque as obras de Moacyr Scliar (2003), como é o caso de *Saturno nos trópicos*. Nessa obra, o autor mapeia situações que levam a imagens melancólicas, num processo que culmina em discussões dentro do campo literário.

Quanto às perdas sociais decorrentes dos regimes autoritários (O Estado Novo e a Ditadura Militar), Avelar (2003) analisa os textos considerados pós-ditatoriais e releva o capítulo dos estudos referentes de João Gilberto Noll, justamente a perda da memória tanto individual ou coletivamente, o que leva a observações e experiências sobre o –trauma. Os estudos de Avelar (2003) relacionam a política latino-americana e o impacto que teve sobre a cultura dos povos, argumentando que o trauma pode ocasionar sequelas para o resto da vida. Semelhante a esse pensamento, Ginzburg (2017) afirma que:

A argumentação de Avelar aponta um forte senso de dificuldade e de ordenação da experiência do presente, em razão da extensão desmedida do peso do passado.

[...] O trauma é frequentemente definido como uma situação de excesso, em que o sujeito não está preparado para assimilação de um estímulo externo.

[...] Se por um lado é habitual entender o trauma como um episódio individual, por outro, cada vez mais, é possível pensar em uma experiência de trauma coletivo. Um grupo, um segmento social, ou mesmo uma sociedade inteira pode ser alvo de uma ação de impacto, sem ser capaz, coletivamente, de elaborá-la conscientemente, de modo a superá-la. (GINZBURG, 2017, p. 155).

As palavras do autor acima citado mostram a necessidade de reavaliarmos dentro da literatura as propostas e questionamentos diferentes do trivial, bem como os contextos representativos da violência:

Devemos redobrar a atenção sobre esses elementos quando interessam não com fim em si mesmos, como experimentos formais, mas quando associados a temas que, direta ou indiretamente, digam respeito ao impacto brutal da violência social.
[...] Alguns escritores brasileiros se dedicaram a lidar com temas referentes a experiências de autoritarismo, violência e opressão. (GINZBURG, 2017, p. 136).

A violência é difundida em prol do momento no qual é praticada, porém merece atenção desdobrada, pois vai além do dano físico. Esta promove associações dependendo das sequelas deixadas pelo tamanho da brutalidade praticada, como traumas psicológicos, suicídios, os quais merecem atenção desdobrada de autoridades que fazem parte da punição desses crimes violentos.

Já para Foucault (2014), a sociedade do século XVIII viveu sob repressão sexual, mas a partir do momento em que o objetivo do sexo passa a ser o da reprodução, a família tradicional torna-se família modelo. Tudo aquilo que possa ultrapassar os limites lhe é negado ou separado, até em lugares onde o prazer possa dar lucro. Mas numa época onde o trabalho é explorado, nem mesmo os atos sexuais são dispensados desse sistema:

A ideia do sexo reprimido, portanto, não é somente objeto de teoria. A afirmação de uma sexualidade que nunca fora dominada com tanto rigor como na época da hipócrita burguesia negociadora e contabilizadora é acompanhada pela ênfase de um discurso destinado a dizer a verdade sobre o sexo, a modificar sua economia no real, a subverter a lei que o rege, a mudar seu futuro. O enunciado da opressão e a forma da pregação referem-se mutuamente; reforçam-se reciprocamente. Dizer que o sexo não é reprimido, ou melhor, dizer que entre o sexo e o poder a relação não é de repressão, corre o risco de ser apenas um paradoxo estéril. Não seria somente contrariar uma tese bem aceita. Seria ir de encontro a toda a economia, a todos os "interesses" discursivos que a sustentam. (FOUCAULT, 2014, p. 13).

Nota-se aqui o panorama de uma sociedade aparentemente livre de repreensões que contrasta com a realidade de um século XIX, época em que crianças vagueavam sem escândalos entre os adultos. Aquilo que extrapola o que é reprimido, proibido, leva ao simples fato de ser gerador de transgressão, o que faculta aos transgressores –ficar de fora do alcance do poder, [...] desordena a lei, antecipa, por menos que seja, a liberdade futuril. (FOUCAULT, 2014, p.11).

O que leva ao pensamento desordenado das relações é sem dúvida, o seu valor mercantil, o que vem a atribuir uma predisposição econômica e a forma de pregação no Ocidente, é o lirismo dos franciscanos, a religiosidade, que traz vestígios na herança desse processo histórico. (FOUCAULT, 2014).

O filósofo argumenta também que a sociedade é produtora de discursos e procurava os discursos das –verdades, enfatizando que em relação à sexualidade nas sociedades do Ocidente houve uma tendência à repressão sexual. –A partir do século XVIII, o sexo das crianças e dos adolescentes passou a ser um importante foco em torno do qual se dispuseram inúmeros dispositivos institucionais e estratégias discursivas. (FOUCAULT, 2014, p.33).

Ainda segundo este pensamento, a partir do século XVIII, os discursos a respeito do tema sexual foram articulados, os conteúdos foram selecionados e os preletores foram preparados, transmitindo a essa geração infantil um –saber desconhecido, voltados ao pensamento de que –prazer e poder não se anulam; não se voltam um contra o outro; seguem-se, entrelaçam-se e se relaçam. Encadeiam-se através de mecanismos complexos e positivos, de excitação e de incitação. (FOUCAULT, 2014, p.54).

Logo, o que se observa é uma busca por uma nova reorganização das sociedades, mas o que se tem em mente é que o poder manipula, direciona, ensina a agir, enquanto que aqueles à margem desse poder são submetidos e silenciados.

Para Foucault (2014), os procedimentos de interdição eram mantidos em relação à sexualidade, porém ignorados por aqueles que interditavam, então originavam uma –rede de mecanismos entrecruzados, o que resultaram na estimulação acentuada dos prazeres, como pode ser visto na obra *O Ateneu* de Raul Pompéia.

O que se busca são verdades fundamentadas em pesquisas históricas que acometem brutalidades, cujos mentores são acobertados por um sistema que tolera o silenciamento dos abusados. O que se tem é a lei do mais forte, que politicamente age e, na maioria dos casos, permanece impune.

O critério de seleção para o acometimento dos atos maldosos seleciona os fragilizados, as crianças, mulheres, classes desprestigiadas, numa sociedade onde a burguesia é que possui o poder, age como sendo a lei, e não sofre punições, da mesma forma como se configura as relações de poder presentes no romance de Pompéia.

3 ADULTERAÇÃO DO SER: UM ESTUDO SOBRE “O ATENEU”

O Ateneu marca o ápice da carreira de Raul Pompéia, mas também retrata a história sexual e intelectual do adolescente como reflexo da sociedade, que contextualiza a burguesia quando da falência do regime monárquico com base escravista. A obra é dividida em doze capítulos e possui numeração romana.

Naquela época (Século XIX), as famílias ricas enviavam seus filhos para estudar em colégios internos. O próprio autor Raul Pompéia vivenciou essa tradição no *Colégio Abílio*, embora não se possa tomá-lo como modelo para o *Ateneu*.

3.1 - Violências de Sanches sobre Sérgio: o caráter denunciador da obra

O Ateneu é a obra na qual Sérgio narra a estória de sua vivência no colégio interno de mesmo nome. As impressões do colégio para a sociedade da época eram as melhores possíveis. O colégio seria uma instituição idônea, uma extensão do lar e onde o amor paterno estaria presente nos professores, conforme se observa nos excertos a seguir:

[...] Ah! meus amigos, conclui ofegante, não é o espírito que me custa, não é o estudo dos rapazes, a minha preocupação... É o caráter! Não é a preguiça o inimigo, é a imoralidade!! Aristarco tinha para esta palavra uma entonação especial, comprimida e terrível, que nunca mais esquece quem a ouviu dos seus lábios. —A imoralidade!!

[...] No Ateneu, a imoralidade não existe! Velo pela candura das crianças, como se fossem, não digo meus filhos: minhas próprias filhas! O Ateneu é um colégio moralizado! (POMPEIA, 1996, p. 11).

Este é um exemplo dos discursos utilizados pelo diretor do colégio, Aristarco. Quando recebia os pais no ingresso ou visita dos alunos no colégio sempre fazia questão de ser reconhecido por seus discursos contra a imoralidade e má conduta dentro do colégio e deixava transparecer cuidado e proteção destinada às crianças.

Em termos comparativos a teoria e análise de Foucault (2014) sobre a historicidade dos discursos, a palavra repetia os discursos de época:

Desde o século XVIII o sexo não cessou de provocar uma espécie de erotismo discursivo generalizado. E tais discursos sobre o sexo não se multiplicaram fora do poder ou contra ele, porém lá onde ele se exercia e como meio para seu exercício; criaram-se em todo canto incitações a falar; em toda parte, dispositivos para ouvir, e registrar, procedimentos para observar, interrogar e formular. (p.36).

O que se reproduz para uma determinada época é normalmente o discurso da sociedade local, uma potencialidade de discursos que transpassaram gerações. Nada mais concernente de divulgação para tal período que a literatura ficcional.

Nos primeiros momentos vividos no internato, Sergio conhece Rebelo, aluno veterano que o informa das regras locais que deveriam ser obedecidas por ele, um tipo de –código‖ existente entre os alunos. Apesar de serem diferentes daquelas informadas ao pai, na ocasião do ingresso do menino no colégio, eram essas regras que seriam válidas para a boa convivência e permanência dele no local.

A distinção de sexos evidencia o discurso machista existente na época. Na narrativa de Pompéia (1996) as expressões: –Faça-se forte aqui‖ e –Faça-se homem‖, –sexo da fraqueza‖ e –meninas ao desamparo‖, transparece uma antítese na associação com –macho‖ e –fêmea‖.

A fala revela também a naturalização da violência. O conselho de Rebelo constata no colégio, a existência da –lei do mais forte‖, que é um traço de organizações sociais autoritárias, assemelhando-se ao patriarcalismo:

Se não houvesse olvidado as práticas, como a assistência pessoal do Rebelo, eu notaria talvez que pouco a pouco me ia invadindo, como ele observara, a efeminação mórbida das escolas. Mas a teoria é frágil e adormece como as larvas friorentas, quando a estação obriga. A letargia mora! Pesava-me no declive. E, como se a alma das crianças, à maneira do físico, esperasse realmente pelos dias para caracterizar em definitivo a conformação sexual do indivíduo, sentia-me possuído de certa necessidade preguiçosa de amparo, volúpia de fraqueza em rigor imprópria do caráter masculino. (POMPÉIA, 1996, p. 20).

Aqui é possível perceber a constatação de Sérgio de que os conselhos de Rebelo são evidentes. Alguns alunos eram destacados para ser o líder de grupo, com a autoridade delegada pelo diretor Aristarco. Caso algum membro do grupo não se adequasse às regras impostas, seria castigado.

Sérgio fica sob a autoridade de Sanches, pois pertenceria ao seu grupo. Sanches é o aluno veterano que se destacava no internato. De porte atlético e muito talentoso, usava de seus predicados para -ajudar e a proteger|| os mais fracos e os menos inteligentes dos castigos de professores e outros alunos. O preço cobrado por essa -proteção|| não era tão digno como se imaginava. Sérgio descreve sempre a altivez de Sanches acompanhado do terror que ela gerava. Para além de uma simples descrição, a figura de Sanches é caracterizada tanto pelo fato de ser portadora de identidade dúbia, quanto pela pretensa violência que ela produzia:

Fui também recomendado ao Sanches. Achei-o supinamente antipático: cara extensa, olhos rasos, mortos, de um pardo transparente, lábios úmidos, porejando baba, meiguice viscosa de crápula antigo. Era o primeiro da aula. Primeiro que fosse do coro dos anjos, no meu conceito era a derradeira das criaturas (POMPEIA, 1996, p.13).

Essas são algumas das primeiras impressões formuladas por Sérgio sobre Sanches e que o acompanharão na relação que ambos estabelecerão. Isto é, o essencial consistia em rejeitar a ideia de que ele, enquanto aluno novato e ingênuo estivesse em uma posição de vulnerabilidade. Muito embora, a cólera que Sanches lhe causava era detectada pelos adjetivos que o qualificavam, como -pegajosa ternural|. E ainda completa:

Só a voz, o simples som covarde da voz, rastejante, colante, como se fosse cada sílaba uma lesma, horripilou-me, feito o contato de um suplício imundo. Fingi não ter ouvido; mas houve intimamente a explosão de todo o meu asco por semelhante indivíduo, e, muito calmo desviando apenas a vista, preteixi a falta de um lenço, que me endefuxara a friagem e... fui buscá-lo (POMPÉIA, 1996, p. 25).

Em *O Ateneu* é narrado um acontecimento que dividiria o pensamento de Sérgio em relação ao comportamento de Sanches. Havia um tanque no colégio onde os meninos lavavam-se juntos e no

primeiro dia do banho, chamado de -natação, foi puxado pelos tornozelos e quase se afoga, sendo -salvo por Sanches, que a partir daí se tornou seu companheiro:

Procurei o recanto dos menores. Determinava a disciplina à divisão dos banhistas em três turmas, conforme as classes de idade. Mas, o descuido da fiscalização permitia que as turmas se confundissem e o inspetor de serviço, com a varinha destinada aos retardatários, vigiava afastado, de sorte que ficavam expostos os mais fracos aos abusos dos marmanjos que as espadanas d'água acobertavam. Mal tinha eu entrado, senti que duas mãos, no fundo, prendiam-me o tornozelo, o joelho. A um impulso violento cai de costas; a água abafou-me os gritos, cobriu-me a vista. Senti-me arrastado. Num desespero de asfixia, pensei morrer. Sem saber nadar, vi-me abandonado em ponto perigoso; e bracejava, à toa, imerso a desfalecer, quando alguém me amparou. Um grande tomou-me ao ombro e me depôs à borda, estendido, vomitando água. Levei algum tempo para me inteirar do que ocorrera. Esfreguei por fim os olhos e verifiquei que o Sanches me tinha salvo. -Ia afogar-se! -disse ele, amparando-me a cabeça enquanto me desempastava os cabelos de cima dos olhos. Meio aturdido ainda, contei-lhe efusivamente o que me haviam feito. -Perversos!! observou-me o colega com pena, e atribuiu a brutalidade a qualquer peste que fugira no atropelo dos nadadores, desvelando-se em solitudes por tranquilizar-me. Tive depois motivo, para crer que o perverso e a peste fora-o ele próprio, na intenção de fazer valer um bom serviço. (POMPÉIA, 1996, p. 18).

Sérgio, mesmo duvidando das boas intenções de Sanches, permite que ele seja seu amigo e protetor, pois como no colégio existia a -Lei do mais forte, no transcorrer do tempo que passasse no internato, precisaria de seus préstimos. Além de Sanches, outros contatos como dos colegas Rebelo, Egbert e outros, auxiliaram no aumento das dúvidas em seu pensamento, em detrimento aos acontecimentos daquele dia, quando do quase afogamento.

A vivência dentro da instituição *O Ateneu* era marcada por encontros e desencontros. Era um colégio para meninos, situação marcada por uma época onde a sociedade patriarcal é presente: o homem, numa posição superior; a mulher e a criança na submissão, confinamento:

Com esta crise do sentimento casava-se o receio que me infundia o microcosmo do Ateneu. Tudo ameaça os indefesos. O desembaraço tumultuoso dos companheiros a recreação, a maneira fácil de conduzir o trabalho, pareciam-me traços de esmagadora superioridade; espantava-me a viveza dos pequenos, tão pequenos alguns! O braço do Sanches vinha assim salvar-me, segunda vez, de submersão, acudindo na vertigem do momento. (POMPÉIA, 1996, p. 20).

O lado sinistro que transparece na mente do Sergio é o pecado presente. Com isso, a proximidade de Sanches o deixava inquieto e pensativo. Seus pensamentos iam e vinham como ondas: como amigo o -protetor||, como inimigo o -mal||, o nojo, a repugnância, tudo com o que precisava conviver. Estava preso no colégio, nas relações pessoais onde os dias se passavam com rotina, manhã, café da manhã, almoço, noite, jantar e dormir, com intercalações nos períodos de aula, estudo e realização de leituras e trabalhos escolares. Ainda as pausas para banho, recreações, festinhas e festões, solenidades, palestras, eram a rotina do Ateneu, designada pelo diretor Aristarco e equipe de apoio. E o mesmo pensamento perseguia-o:

Referi que Sanches me provocava uma repugnância de gosma. Depois do caso da natação, o reconhecimento predominou sobre a repulsa e eu admiti as assiduidades com que de então por diante me quis beneficiar o companheiro. Afinal, porém, tornou-me a aparecer o afastamento instintivo que me separava do rapaz. (POMPÉIA, 1996, p. 22).

O excerto acima traz, ainda que em menor detalhe, traços do lado afetivo e a latente sexualidade das crianças evidenciadas nas relações entre os meninos. Sanches aparentava boa iniciação, malícia, demonstrava bem o que desejava em suas carícias. Era comprometido com boas oportunidades que os dias lhe proporcionavam. Mas, Sérgio era o oposto: aparentava um ser indefeso, sem decisões ou ações programadas. Talvez sendo opostos, se atraíssem e os fins poderiam ser alcançados numa relação afetiva:

[...] A franqueza da convivência aumentou dia a dia, em progresso imperceptível. Tomávamos lugar no mesmo banco. Sanches foi-se aproximando. Encostava-se, depois, muito a mim. Fechava o livro dele e lia no meu, bafejando-me o rosto com uma respiração de cansaço. Para explicar alguma coisa, distanciava-se um pouco; tomava-me, então, os dedos e amassava-me até doer a mão, como se fosse argila, cravando-me olhares de raiva injustificada. Volvia novamente às expressões de afeto e a leitura prosseguia, passando-me ele o braço ao pescoço como um furioso amigo. (POMPÉIA, 1996, p. 22).

Os atos acima tornaram ainda mais intensos depois que Sanches salva Sérgio do incidente na piscina, que fora provocada por ele mesmo. A partir daí torna-se seu amigo íntimo. Pelo fato de Sérgio não ser um aluno considerado -inteligentel||, o ajuda nas lições do colégio. Essa proximidade incessante de Sanches causava perturbação em Sérgio, cujos sentimentos despertados transpareciam através das

palavras –possuído de certa necessidade preguiçosa de amparo, volúpia de fraqueza em rigor imprópria do caráter masculinoll (POMPÉIA, 1996, p. 20).

Muitos acontecimentos ruins marcaram a vida de Sérgio dentro do *Ateneu*, acontecimentos esses que deixariam sequelas irreparáveis no menino e pode ser entendido através da leitura da cartilha do Ministério Público (2015): –Destaca-se: quanto mais frequentes os abusos, maiores os impactos nas dimensões física, sexual, emocional e moral da criança e do adolescente, pois dificilmente os abusados esquecem a violência sexualll. Em consonância com os esclarecimentos da cartilha com a narrativa de Sérgio contida na obra, entende-se que acontecimentos narrados de sua estadia dentro do internato pertencem ao tempo em que era um menino, porém, os relatos dos fatos constantes no livro são de um adulto.

Após Sérgio perceber a trama em que estava envolvido, o interesse sexual que Sanches nutria por ele, decide por um afastamento do –protetorll. Mas, Sanches toma ciência da decisão do rapaz e passa a persegui-lo:

[...] Estimulado pelo abandono, que lhe parecia assentimento tácito, Sanches precipitou um desenlace. Por uma tarde de aguaceiro errávamos pelo saguão das bacias, escuro, úmido, recendendo ao cheiro das toalhas mofadas e dos ingredientes dentifrícios, solidão favorável, multiplicada pelos obstáculos à vista que ofereciam enormes pilares quadrados em ordem a sustentar o edifício, — quando, sem transição, o companheiro chegou-me a boca ao rosto e falou baixinho. Só a voz, o simples som covarde da voz, rastejante, colante, como se fosse cada sílaba uma lesma, horripilou-me, feito o contato de um suplício imundo. Fingi não ter ouvido; mas houve intimamente a explosão de todo o meu asco por semelhante indivíduo e muito calmo, desviando apenas a vista, preteixi a falta de um lenço, que me endefluxara a friagem e... fui buscá-lo. Fora da zona magnética em que me cativava o bom amigo, concertaram-se os meus instintos sopitados de revolta e Sanches passou a ser um desconhecido. Sacrificava-se de golpe o amigo, o explicador e o vigilante: um rasgo de heroicidade. Ao primeiro encontro depois do rompimento, o homem viu que estava tudo acabado. Andou a rondar-me, temperando o olhar com um brilho de facadas. (POMPÉIA, 1996, p. 24).

Afinal, Sanches era responsável por sua turma e o auxiliava no ensino, o que torna a convivência mais difícil. Assim, estava sempre a rondar Sérgio procurando falhas do aluno, infração de regras do internato e também baixa de nota nas disciplinas.

A ocasião é que não era a melhor para o conflito. Conveniências do ensino tinham feito dividir-se em duas turmas a aula do Professor Mânlio, e eu fora incluído na seção confiada ao Sanches, como auxiliar idôneo. A consequência foi o que devia ser. Maltratado e condenado pelo ajudante, provando mal em razão do sobressalto no exame de verificação a que me sujeitou o professor, desmoralizado em repreensão solene com grande regozijo do Sanches, jurei vingança. [...] (POMPEIA, 1996, p. 25).

A citação acima mostra que Sérgio não era um aluno que obtinha bons resultados nos exames aplicados pelos professores e negligenciava os estudos. E foi esse um dos motivos pelo qual aceitou a ajuda de Sanches. Quando toma a decisão de mudar suas atitudes em relação à proximidade de Sanches, sofre uma decadência nas avaliações. Por sua vez Sanches ciente da parceria que tinha com ele, aproveitava essas situações para humilhá-lo.

Enquanto passava por determinadas situações vexatórias em sala causadas por Sanches, inicia um curso de Astrologia, ministrado por Aristarco. Uma oferta de disciplina no colégio era como uma terapia, uma fuga dos momentos tristes que vivia no internato. Então inicia os estudos:

A astronomia, como os céus do salmo, levou-me à contemplação. O mal na terra, descrito pelo Sanches com uma perícia de conhecedor e praticante, tomou vulto no seio das minhas cogitações. A incredulidade primeira acabou em meu espírito, reconhecendo o descalabro deste vale de lágrimas em que vivemos.

Encarnei o pecado na figura de Sanches e carreguei. Nutria talvez no íntimo o ambicioso interesse de um dia reformar os homens com o meu exemplo pontifical de virtudes no sólio de Roma. Acresce que predispunha ao enlevo a tristeza opressa de discípulo mau em que eu jazia. E como aos pequenos esforços que tentava para me reerguer ninguém dava atenção, deixei-me ficar insensível, resignado, como em desmaio sob um desmoronamento. Tinha a consciência em paz, a consciência que é o espetáculo de Deus. Servia-me a crença como um colchão brando de malandrice consoladora. Note-se de passagem que apesar dos anseios de bem-aventurança, eu ia mal no catecismo como no resto. (POMPÉIA, 1996, p.27).

Nas aulas de astronomia, Sergio conseguiu um pouco de ‘_consolo’. Mas, por outro lado, no Ateneu, prevalecia à lei do silêncio. Os acontecimentos eram considerados comuns e apesar dos meninos e colaboradores saberem do que ocorria no colégio, não havia manifestações em prol das vítimas. O que colaborava para o aumento da pressão psicológica que essas crianças viviam.

No recreio, andava só e calado como um monge. Depois do Sanches não me aproximava de nenhum colega, senão incidentalmente, por palavras indispensáveis. Rebelo tentou atrair-me; eu desviava. Sanches, rancoroso, perseguia-me como um demônio. Dizia coisas imundas. Deixa estar, jurava entre dentes, que ainda hei de tirar-te a vergonha. Na qualidade de vigilante levava-me brutalmente à espada. Eu tinha as pernas roxas dos golpes; as canelas me incharam. Se Barbalho se lembra de vingar a bofetada, creio que me submetia à letra evangélica. (POMPEIA, 1996, p. 28).

As atividades de leitura eram presentes no internato, além da influência de mestres como Dr. Cláudio, que ministrava palestras. Um dos livros que liam era a Bíblia e lhes trazia conforto e esperança a uma realidade que não poderia ser mudada, em meio a revolta interior que nutria por uma vida confinada e fatídica.

O discurso proferido em sentido religioso é previamente selecionado pelas autoridades da instituição, a influência cristã já é viabilizada pelos estudos de Foucault (2014):

Coloca-se um imperativo: não somente confessar os atos contrários à lei, mas procurar fazer de seu desejo, de todo o seu desejo, um discurso. Se for possível, nada deve escapar a tal formulação, mesmo que as palavras empregadas devam ser cuidadosamente neutralizadas. A pastoral cristã inscreveu como dever fundamental, a tarefa de fazer passar tudo o que se relaciona com o sexo pelo crivo interminável da palavra. A interdição de certas palavras, a decência das expressões, todas as censuras do vocabulário poderiam muito bem ser apenas dispositivos secundários em relação a essa grande sujeição: maneiras de torná-la moralmente aceitável e tecnicamente útil. (p. 23).

Qual melhor maneira de domesticar o indivíduo que não seja pela palavra? Através da doutrina cristã os maus instintos são paralisados e as almas mais rebeldes são levadas a conversão. Os ensinamentos proferidos no internato foram projetados para o fim da sujeição, formar pessoas obedientes e subservientes aos mestres e entre o corpo de discentes.

Houve questionamento de alguns críticos literários em relação à obra de Pompéia ser autobiográfica. Mas é nessa representação pessimista a respeito da vida, que toma destaque a infância e a adolescência, que se aproxima mais do relato do mundo real. Através da literatura, na ficção, a obra tem o poder de denunciar as relações de poder, conflito entre classes sociais, os problemas enfrentados pelas crianças na sociedade.

No sentido de dialogar com a violência sofrida por Sérgio narrada na obra, o cenário contundente demonstra que o poder que traz proximidade física e desperta sensações fortes é teorizado por Foucault (2014):

O poder que, assim, toma a seu cargo a sexualidade, assume como um dever roçar os corpos; acaricia-os com os olhos; intensifica regiões; eletriza superfícies; dramatiza momentos conturbados. Açambarca o corpo sexual. (p.49).

No desenrolar dos acontecimentos Sanches procurou de várias maneiras a proximidade com Sérgio: chegar junto, encostar o corpo, usar linguagem persuasiva, causando sensações diversas e perturbadoras em ambos. O que foi consequência de várias situações embaraçosas e pesadas para Sérgio.

As situações vividas por Sergio durante sua permanência no internato transfiguram-se no mais incessante tipo de violência que ocorre no Brasil. Em observações constantes na obra de Ginzburg (2017) sobre o tema, constata-se que esses fatores recorrentes são tratados e reproduzidos mundialmente:

Podemos admitir que a violência ocorre em formações sociais nos mais variados contextos temporais e espaciais; portanto, não se trata de entender como sendo um fenômeno restrito ao Brasil. No entanto, é fundamental o estudo comparativo, pois as variações nos modos de ação e reprodução da violência podem apontar tanto princípios gerais, como para especificidades circunscritas às contingências da situação brasileira. Por isso é necessário que o estudo da violência no Brasil esteja condicionado ao enfoque comparativo, constantemente atento às possibilidades de generalização e às exigências de especificação. (p. 136).

A prática da violência por parte das pessoas não é limitada a determinados contextos sociais, mas contribui para o estudo histórico e cultural em comparações a outros contextos, de modo a se formular teorias e melhorias que consigam amenizar a práticas abusivas e ausentes de punições dos culpados pelos atos.

3.2- A opressão e as relações de violência e poder

As conjecturas que permeiam a obra *O Ateneu* e promovem discussões, são temas recorrentes na sociedade que sempre necessitarão de atenção especial e desdobramentos para outras áreas como a educação, a psicologia, a medicina, o direito. Não somente por serem apresentadas em literatura ficcional, mas por envolverem seres humanos, que em épocas passadas, tinham suas opiniões desconsideradas por serem pequenos (crianças) e sem muitas experiências de vida.

A obra traz em seu cerne a relação de poder existente nos confrontos entre classes configuradas na instituição, na pessoa de Aristarco – símbolo do poder – que controlava o dinheiro em prol dos interesses da instituição, uma vez que o tratamento dado aos alunos dependia do valor da mensalidade paga pelos pais. Quando as mensalidades eram pagas corretamente, os filhos recebiam tratamento diferenciado, já os devedores eram sujeitados a humilhações, como se pode notar na seguinte passagem:

[...] Ele tinha maneiras de todos os graus, segundo a condição social da pessoa. As simpatias verdadeiras eram raras. No âmago de cada sorriso, morava-lhe um segredo de frieza que se percebia bem. E duramente se marcavam distinções políticas, distinções financeiras, distinções baseadas na crônica escolar do discípulo, baseadas na razão discreta das notas do guarda-livros. Às vezes, uma criança sentia a alfinetada no jeito da mão a beijar. Sala indagando consigo o motivo daquilo, que não achava em suas contas escolares... O pai estava dois trimestres atrasado. (POMPÉIA, 1996, p. 10).

Como observado ao longo deste estudo, a obra de Pompéia é o reflexo de uma sociedade burguesa e repressiva, tendo proferido discurso de uma época, com críticas à sociedade carioca do final do século XIX. Portanto, essa pesquisa utiliza-se bastante de estudos de Foucault no que concerne às questões sobre as relações de poder, sexo, instituições e sociedade:

Século XVII: Seria o início de uma época de repressão própria das sociedades chamadas burguesas, e da qual talvez ainda não estivéssemos completamente liberados. Denominar o sexo seria, a partir desse momento, mais difícil e custoso. Como se, para dominá-lo no plano real, tivesse sido necessário, primeiro, reduzi-lo ao nível da linguagem, controlar sua livre circulação no discurso, bani-lo das coisas ditas e extinguir as palavras que o tornam presente de maneira demasiado sensível. (FOUCAULT, 2014, p. 19)

Mais adiante, afirma ainda que:

O poder funciona como um mecanismo de apelação, atrai, extrai essas estranhezas pelas quais se se desvela.

Poder que se deixa invadir pelo prazer que persegue e, diante dele, poder que se afirma no prazer de mostrar-se, de escandalizar ou de resistir. Captação e sedução; confronto e reforço recíprocos: Pais e filhos, adulto e adolescente, educador e alunos, médico e doente, o psiquiatra com sua histérica e seus perversos não cessaram de desempenhar esse papel desde o século XIX. (FOUCAULT, 2014, p. 50).

Os assuntos relacionados na obra de Foucault que tratam do poder, prazer, captação e outros que envolvem as relações interpessoais, resumem as situações narradas na obra *O Ateneu* e demonstram que os acontecimentos perpetuam a violência ocorrida no internato. O internato é descrito em suas gradações, acentuado em características sórdidas. Os desordeiros eram confinados em –prisões^{ll} e até nos momentos do banho na –piscinall. Apesar de não estar explícito, através das relações de Sérgio com os colegas, principalmente com Sanches, percebem-se as relações sexuais abusivas, caracterizando a violência em seus aspectos sexuais, psicológicos e físicos.

Em conformidade com a obra de Ginzburg (2017) que interage com o tema tratado em *O Ateneu*, está a violência no Brasil. Em detrimento às situações de violência no país, leva-se em consideração às imagens sofridas e tristes recorrentes em nossa história. Um desses temas subjacentes é a –melancoliall, onde consideramos o estudo de Scliar (2003) como conjunto de imagens características que se contemplam no *Ateneu*, instituição situada no Rio Comprido, Rio de Janeiro:

As eminências de sombria pedra e a vegetação selvática debruçavam sobre o edifício um crepúsculo de melancolia, resistente ao próprio sol a pino dos meios-dias de novembro. Esta melancolia era um plágio ao detestável pavor monacal de outra casa de educação, o negro Caraça de Minas. Aristarco dava-se palmas desta tristeza aérea — a atmosfera moral da meditação e do estudo definia, escolhida a dedo para maior luxo da casa, como um apêndice mínimo da arquitetura. (POMPÉIA, 1996, p. 4).

O aspecto sombrio envolvendo o ambiente do colégio transparecia uma natureza mórbida, eis um modelo que vigorava na educação brasileira, a descrição que acompanha o narrador é permeada por críticas à sociedade. Esses aspectos sugestivos e melancólicos retomam a obra de Ginzburg (2017) na análise dos fundamentos da cultura europeia em seu compêndio sobre a melancolia.

De acordo com o modo como Scliar elabora a questão, a melancolia é um conceito constituído pela cultura europeia, que ao longo da história passou por metamorfoses em sua definição e seu emprego. Fundamental na cultura lusa chegou ao Brasil ganhando especificidades. (p. 98).

Assim, conforme reflexões de Scliar (2003), as imagens melancólicas tomam proporção em escritos e imagens no Brasil. O que não deixa de ser notório no *Ateneu* é o ambiente, com suas descrições claras e a obscuridade que circundam as tragédias, num intuito de envolver o leitor e circundar o clima que paira sobre o colégio:

Sobre o pátio, sobre o jardim, por toda a circunvizinhança choviam fagulhas, contrastando a mansidão da queda com os tempestuosos arrojados do incêndio. Por toda a parte caíam escórias incineradas, que a atmosfera flagrante repetia para longe como folhas secas de imensa árvore sacudida.

[...] Na rua, ouvia-se arquejar pressurosamente uma bomba a vapor; as mangueiras, como intermináveis serpentes, insinuavam-se pelo chão, colavam-se às paredes, desapareciam por uma janela. (POMPÉIA, 1996, p. 112).

Advém desse acontecimento sinistro, o incêndio que acometeu o edifício do Ateneu no desfecho da obra, palco da maior tragédia que acometeria a instituição. O edifício era fechado e triste, apesar da natureza verdejante ao redor e possuía como subtítulo irônico –Crônicas das Saudades‖. O que se percebe é que o livro não é composto por crônicas. O relato contido na obra é de sentimentos ruins, como raiva, tristeza, vingança, o que mantém distância de saudade.

Talvez, Pompéia mostre a própria violência inerente à condição humana. Não apenas o espaço repressivo os leve à barbárie, à opressão, mas quem sabe ele desmascara essa própria essência humana: –Aqui suspendo a crônica das saudades. Saudades verdadeiramente? Puras recordações, saudades talvez se ponderarmos que o tempo é a ocasião passageira dos fatos, mas, sobretudo – o funeral para sempre das horas‖. (POMPÉIA, 1996, p. 114).

Nesse desfecho trágico do livro, há o desmascaramento das evidências, que a partir da saudade, refere-se a um mundo real da criança e do adolescente. As mazelas humanas, os maus-tratos, violências praticadas pelos adultos às crianças, o trabalho infantil e abandono, revelam-se num

universo preconceituoso, onde o mais forte oprime o menor, considerado fraco e sem direitos, naquele determinado contexto político, histórico e cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ficção de Pompéia, em múltiplos momentos da narrativa, ressalta o quanto a infância é um baú de lembranças tristes, experiências armazenadas na memória de alguns. Essas tristes lembranças retornam à mente da vítima, como se fosse dada a voz àquele que foi silenciado quando criança, aquele que emudeceu no passado porque não possuía autonomia e maturidade suficiente para exprimir seus sentimentos.

O que se revela através do relato do narrador Sergio é o agravante da violência sofrida por ele durante seu período de infância. O personagem representa um universo daqueles que sofrem pelas situações parecidas ou ocorridas de violência, que foram retratadas pelo autor do livro *O Ateneu*, representando a violência de personagens infantis contra crianças e adolescentes.

A narração revelou a tragédia ocorrida em um período onde os acontecimentos não poderiam ser divulgados abertamente, em se tratando do século XIX, onde a repreensão era notória, a medição dos discursos. Onde até questões como de gênero, sexo, homossexualidade, passavam por proibições e retaliações caso viessem a ser comentadas e divulgadas. O caminho viável para esses temas descartados seria espia-las por meio da ficção e perceber toda essa violência sofrida pelas crianças.

Não é a medição desse tempo, que separa o contexto da obra em séculos passados para os mais recentes, que desqualifica a violência. Mas o rememorar desses temas relacionados à criança e ao adolescente é que privilegia o aumento do tratamento e cuidado dado às crianças, ajudando a incentivar o advento de leis de amparo ao menor e a criação de órgãos que busquem alternativas para a proteção deles em situações de vulnerabilidade.

A velocidade dos meios de comunicação podem promover relatos dentro da cultura de informação a fim de identificar situações de risco desses menores e buscar formas de denunciar os agressores, para que sejam enquadrados na forma da lei. A literatura foi e continua sendo meio que propagam aos leitores sedentos, detalhamentos de histórias que, mesmo de maneira ficcional, contribuem não só para o conhecimento, mas para denunciar os praticantes desta violência.

O tempo passa e a sociedade evolui, porém é necessário que o cumprimento e os rigores da lei evoluam com a mesma velocidade para punir os que praticam violência e para que os menores que sofrem as consequências dessas experiências traumáticas sejam protegidos e tratados para refazerem suas vidas. O quadro sugestivo de violência contida na obra *O Ateneu* retrata o quanto a narrativa direciona a questão em denúncia do personagem Sérgio.

De acordo com a cartilha do Ministério Público (2015), crianças e adolescentes são as vítimas, não os responsáveis pela violência sofrida. O que infelizmente, acaba em silenciamento dos menores acometidos pela violência. Isso pode ser visto dentro do romance de Raul Pompeia onde a narrativa demonstra o envolvimento de Sérgio e Sanches nas esferas de violência sexual e psicológica, que advém do trauma sofrido pelo menor em circunstâncias adversas ao seu consentimento e prazer.

Foi possível observar, portanto, que Raul Pompéia, através da ficção, em meio a um espaço educativo povoado por crianças, promove todo um envolvimento artístico dentro de um contexto histórico repressivo, e soube com isso, mostrar um universo de adultos nocivos e conflitantes.

Essa maestria do autor confirma, assim, a possibilidade que se tem de fazer a leitura de uma obra fora de sua época de produção, já que, a exemplo desse romance, expõe aspectos que se fazem presentes no atual momento em que estamos vivendo e que não se restringe apenas às instituições educacionais. Os atos de violências expostos nessa narrativa, atualmente, se fazem presentes até mesmo dentro da própria família da criança ou adolescente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Mário de. **Aspectos da literatura brasileira**. São Paulo: Ed. Martins, 1967.
- ADORNO, Theodor W. **Palestra sobre lírica e sociedade**. In: ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura I**. São Paulo: Duas Cidades, 2003.
- ARIÉS, Philippe. **História social da infância e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2. Ed. São Paulo: LTC, 1981.
- AVELAR, Idelber. **Alegorias da derrota**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 38ª Edição. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.
- _____. **Moderno e modernista na literatura brasileira**. In: **Céu, inferno: O Ateneu, opacidade e destruição**. São Paulo, Editora 34, 2003.
- BRASIL. Ministério Público do Distrito Federal e Territórios – MPDFT. **Violência sexual contra crianças e adolescentes: identificação e enfrentamento**. 1ª Edição – 2015.
- BRASIL. Organização Mundial da saúde (OMS). **Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: ação e produção**. Tradução: B&C Revisão de Textos Ltda. – ME. São Paulo, 2010.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. v.5, São Paulo: Global, 1999.
- CURVELLO, M. Qualquer semelhança com pessoas reais... In:_. **Raul Pompéia: literatura comentada**. São Paulo: Abril Educação, 1981,
- DEL PRIORE, Mary. **História das crianças no Brasil**. 7ª ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2013.
- FLEIG, Mário. **O Pedófilo Como Vítima de Seu Desejo e Perversão**. Rio Grande do Sul. IHU On-Line, 2010. Disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3152&secao=326
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1- A Vontade de Saber**- tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque- 1ª edição – Paz & Terra- Rio de Janeiro/São Paulo- 2014.

- _____. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão.** (Raquel Ramalhete, trad.). 37ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- GINZBURG, Jaime. **Crítica em Tempos de Violência.** 2ª edição – São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP, 2017.
- ISER, Wolfgang. **O ato de leitura: uma teoria do efeito estético.** Vol. 2. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- IVO, Ledo. **O Universo Poético de Raul Pompéia.** Rio de Janeiro: Livraria São José, 1963.
- LINHARES, Juliana Magalhães. **História Social da Infância.** 1ª edição. Sobral, 1996.
- MOISÉS, Massud. **A literatura portuguesa em perspectiva.** Romantismo, Realismo. Vol. 3. São Paulo: Cultrix, 1994.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- NETO, João Clemente de Souza. **História da Criança e do Adolescente no Brasil.** Revista UNIFEO, revista semestral do Centro Universitário FIEO – ano 2, nº 3 (2000).
- NEVES, Flávia Cristina Capello Neves; CORREA, Almir Aquino (Orientador) - **O Ateneu, de Raul Pompéia: Uma Análise sob a Ótica Literária e suas diversas manifestações artísticas.** Estudante de Licenciatura em Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: flaviaccneves@gmail.com Professor Doutor da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: correa.alamir@gmail.com – (2015).
- OLIVEIRA, Zilda Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos.** – São Paulo: Cortez, 2002. – (Coleção docência em formação).
- PERRONE-MOISÉS, Leyla (Org). **O Ateneu: retórica e paixão.** São Paulo: Brasiliense, 1988.
- POMPÉIA, Raul. **O Ateneu.** 16ª ed., São Paulo: Ática, 1996.
- POMPEIA, Raul, 1863-1895. **O Ateneu/Raul Pompéia.** Orientação Pedagógica Douglas Tufano; notas de leitura Claudio A. Tafarello. Ilustrações do autor – São Paulo: Moderna, 1994- (Coleção Travessias).
- PONTES, E. **A vida inquieta de Raul Pompéia.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

QUINTALE NETO, Flavio. **Ideias estéticas e filosóficas nos romances O Ateneu, de Raul Pompéia, e Die Verwirrungen des Zöglings Törless, de Robert Musil.** 2007. 194fls. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

_____. **/Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios por Mario Curvello.** São Paulo: Abril Educação, 1981. (Literatura comentada).

RIBEIRO, Renato Janine. **A dor e a injustiça. Razões públicas, emoções privadas** [S.l: s.n.], 1999.

SCLIAR, Moacyr. **Saturno nos trópicos: a melancolia européia chega ao Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. **O naturalismo no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A, 1965.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura infantil na escola.** 11 ed. – São Paulo: Global, 2003.